CONJUGAÇÃO FINAL

JORGE LAGOS E O TEATRO NECESSÁRIO

JÚLIO HENRIQUES

And I'll sing my song like a rebel wild. BOB DYLAN

A) Antes de mais, esclareço (Jorge Lagos) que sou, até aos ossos, pelo teatro de vanguarda (o termo é o que para já melhor conheço definidor dum teatro visceral de necessidade). Não é ideològicamente que defendo a posta-em-cena de peças como «O Diário de Anne Frank». É por lhes reconhecer necessidade de vista habitual. Fora o resto (a peça ser um libelo).

B) Interessa-me também, e sobretudo (e aqui já ideològicamente), um teatro que transporte em si uma libertação — o coeficiente dos novos. Um teatro que nos nasça visceral e que visceral se mantenha na defesa daquilo que julgamos defensável.

C) Creio que as questões postas por Jorge Lagos, por isso, tendo embora a maior importância, não podem referir-se ao caso (com os seus porquês e justificações) de «O Diário de Anne Frank», montado por um grupo que *vive* em Aveiro e que nem teatro próprio possui, elemento necessário para a experimentação. A realização do actor (indivíduo espaço estético) é de difícil consecução num expressionismo, por exemplo. Ele não pode estar de acordo com o expressionismo porque o expressionismo já não está de acordo consigo mesmo. O tempo que vive é outro, a forma de o *expressar* tem de ser outra. (Acontece também o caso dos retornos, é claro, a formas que deram as suas provas: o *realismo* de Pinter e Albee

Continua na página três

TEATRO DE BOLSO

ARTUR FINO

NECESSIDADE INDISFARÇÁVEL

Ao escrever neste mesmo jornal, CETA... TEATRO DE BOLSO E... O PÚBLICO, Bartolomeu Conde quis fazer espírito e forçar polémica. Com uma pontinha de vaidade, talvez. Claro que posso ter-me enganado, interpretando indevidamente a sua verbe. Mas, para o leitor a leste do problema, o artigo ganha foros de «forcing» negativo.

Impunha-se uma resposta. Porque lhe devo uma resposta. O seu a seu dono, portanto. Diminuta compensação (chamemos-lhe assim) para tão destruidora forma. Porque o seu escrito é gritantemente demolidor. Não para quem (eventualmente) pretenda pessoalmente atingir. Mas para uma colectividade que colectivamente quer progredir. Que devia ser respeitada nos seus direitos de avanço e na qual BC tem responsabilidades. Embora delas trate de alienar-se. Porquê? Talvez porque seja mais cómodo estar à janela.

As expressões tolerantes podem resultar em certos locais. Mas aqui não é fácil ganhar auréolas. As vermelhidões e os pruridos (não são exclusivos dos jovens, pois não?), metafòricamente introduzidos em texto de bizarra ironia, não passam de termos para impressionar. A mocidade (entretanto) sempre vai fazendo alguma coisa. Tenta-o, pelo menos. Trabalha para isso. Mesmo quando as limitações são inúmeras e os atropelos condizentes.

O tom de algumas polémicas (?) — diz BC — enveredam por uma linha de orgulho ferido (o que quer isto dizer e em relação a quem?). Auto-reconhecimento implícito? Por favor não queira julgar os outros por si. O. K.?

Se concorda que não se pode fazer o teatro que se quer **(não apenas o que se quer, mas o que se exige, acrescento); se concorda que** as dificuldades até doem; **se concorda que** há necessidade de novas estruturas; **se concorda que** não se criou o público que se pretendia; **se concorda com tudo isto, como justifica o rebuço na concordância de imediata indispensabilidade do Teatro de Bolso?**

Uma das missões fundamentais do teatro, amador ou não, é educar. E para educar não será necessário evoluir? Porquê toda essa reserva? Será mais conveniente a acomodação? É a evolução uma palavra vã? O saudosismo (que transparece nas suas frases) é um sério inimigo a combater. Ou considera actual a utilização do gasómetro?

Alguém já o disse: a melhor forma de respeitar o passado, é deixá-lo em paz e não servir-se dele.

O seu desprezo pelo TB, Bartolomeu Conde, constitui negativismo imediato.

Continua na página nove

SOBRE TEATRO

BARTOLOMEU CONDE

CONVERSANDO COM IDALÉCIO CAÇÃO

Sentemo-nos, então, para cavaquearmos em mesa redonda, como sugere. Sentem-se, também, os que se levantaram.

Assim, tranquilos, com a «nossa» voz — voz branda de quem precisa —, e com os sentimentos de gratidão que devemos à cidade de Aveiro (insisto neste ponto), poderemos manter uma conversa construtiva e desapaixonada. Só assim, com mil cuidados, nos será mais fácil fugir à intemperança da época, tão atreita a polémicas, e não permitir que esta conversa descaia para qualquer estéril discussão sobre lagartos-de-couve ou quejandos bichos — se são da Ria ou da Foz do Antuã —, mantendo-nos fixos no problema que o trouxe a você Idalécio Cação, depois de outros, e a mim, depois de você, à barra desta assembleia pública que nos julgará.

A Cidade — isto é, as instituições, a indústria, o comércio, os jornais, etc., etc. — em mais de 80 % dos nossos pedidos, sempre correspondeu generosamente (o seu último artigo foi duma clareza quase suficiente). Portanto, assunto arrumado. Só um **post-scriptum** acrescento: — de 5 ou 6 elementos iniciais, já passaram pelo CETA centenas de participantes. É notável também

Continua na página três

MESA REDONDA

I-CINEMA E VERDADE

EM MONTAGEM DE PINTO DA COSTA

Mais uma vez o público aveirense afluiu escassamente à projecção de um filme de superior qualidade e que, pelo seu significado vivo e actuante, vem suscitando em todo o mundo uma onda de autêntica consagração.

Quer isto dizer que a população local não «se fica nas tintas» apenas para com o bom teatro. Também o bom cinema sofre as consequências de um estado de coisas que nos leva a perguntar se, numa cidade como Aveiro, a que não falta um Cineclube (mas, a propósito, que é feito dele?...) e onde existe igualmente um esforçado agrupamento de teatro, alguma coisa não estará errada nos princípios de implantação e fomento que orientam ambas as colectividades.

Mas não pretendemos, desta feita, falar senão de «Bonnie e Clyde», biografia ou tragicomédia dum jovem casal de *gangsters* americanos, cuja realização foi, inicialmente, conferida a Truffaut, depois a Godard, e que Arthur Penn acabou por dirigir, com inteira liberdade de processos e acção, proporcionando-nos, deste modo, e no consenso da crítica em geral, a obra-prima que o mesmo realizador há muito nos vinha prometendo.

Considerado um dos filmes mais duros e mais incómodos do cinema americano, e talvez do cinema mundial, «Bonnie e Clyde» exige do espectador uma reflexão atenta e pormenorizada, se não mesmo uma resposta feita de empenhamento e participação.

A crítica especializada pronunciou-se já sobre a valia do filme e suas implicações, de carácter não apenas cinematográfico, mas socio-económico também, associando estas a uma época de rara violência num país onde, sob as mais variadas capas e disfarces, o «gangsterismo» ainda hoje faz carreira e deixa de rastos o engordurado mito da Sociedade *Made in...*

Citações a propósito de «Bonnie e Clyde», tais como documento cheio de actualidade e de juventude, obra convincentemente poética e acutilante, lição admirável a de A. Penn, e inesquecíveis as imagens que a produzem — caracterizam, por inteiro, uma realização cinematográfica que, no dizer, por igual, da crítica responsável, é uma das mais incontestàvelmente belas obras que nos têm vindo da América.

Mas a «mesa-redonda» a que nos propusemos nesta emergência, tende a «situar os aconteci-

Continua na página nove

SCRÁSH!

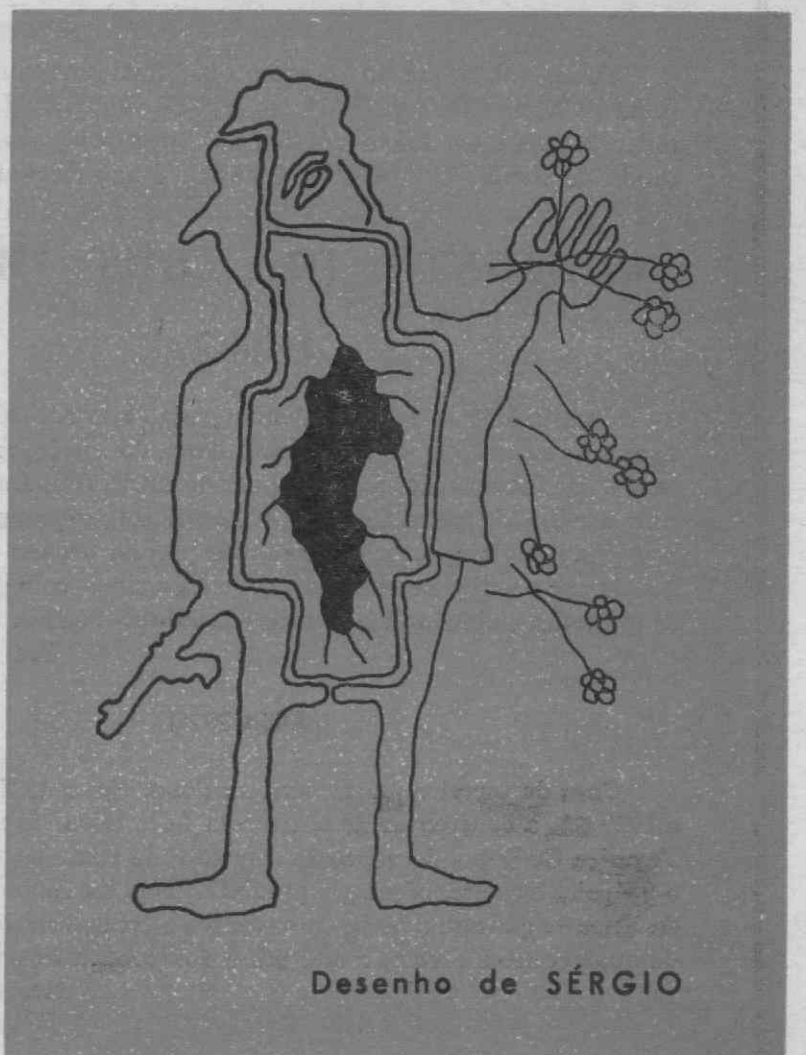
CARBATY

Há entre nós duas coisas que andam confundidas e que urge, cada vez mais, distinguir. Uma coisa é o Salão Aveiro, outra coisa é a Galeria Borges.

O Salão Aveiro não tem encargos para esta. O Senhor Governador Civil paga tudo. É certo que pode dar trabalho, mas sem dúvida que também dá nome. Portanto, contas saldadas com vantagem para a GALERIA.

Sobre a Galeria, foi o próprio Mário da Rocha, ao fazer a crítica da exposição de Guima, que disse: «Galeria Borges voltou a ser Galeria» mas, voltou a ser na medida em que realizou uma exposição artística. Só por ela, realizada ao fim de um ano, «o seu nome lhe ficou reconhecida».

Mas voltando à Galeria, temos de concluir que há na

Continua na página três

Desenho de SÉRGIO

AVEIRO-PALCO DE TEMAS

ANÚNCIO

Venda de Bens em Falência na Praia da Costa Nova

Faz-se saber que no próximo dia 27 do corrente mês de Julho, pelas 10.30, na COSTA NOVA, no HOTEL BEIRA RIA, se há-de proceder à venda em hasta pública dos bens arrolados para a massa falida da firma JOSÉ UCHA OTERO, e que constam do seguinte :

CONJUNTO DE TRÊS IMÓVEIS

Primeiro

Casa de dois pavimentos, denominada «SALÃO BOAVISTA», destinada a Assembleia, sita na Costa Nova do Prado, freguesia da Gafanha da Encarnação, a confrontar do norte com Luzia Pereira, sul com António Ferreira Godinho, nascente com o próprio e poente com Avenida Boavista, inscrito na matriz predial urbana da referida freguesia sob o artigo setecentos e noventa e cinco, com o valor matricial de quarenta e cinco mil trezentos e sessenta escudos.

(Esc. 45 360$00)

Segundo

Casa de terceiro andar, sita na Costa Nova do Prado, destinada a HOTEL, a confrontar do norte com Júlio Rosa, do sul com António Ferreira Godinho, do nascente com estrada nacional e do poente com o próprio, inscrito na matriz predial urbana da freguesia da Gafanha da Encarnação sob o artigo novecentos e treze, com o valor matricial de quatrocentos e vinte e oito mil e quatrocentos escudos.

(Esc. 428 400$00)

Terceiro

Casa de primeiro andar, sita na Costa Nova do Prado, destinada a CAFÉ e SALÃO DE BAILE, a confrontar do norte com viela, do sul e poente com o próprio e do nascente com Avenida Marginal, inscrita na matriz predial urbana da freguesia da Gafanha da Encarnação, sob o artigo novecentos e quarenta e três, com o valor matricial de cento e trinta e oito mil e seiscentos escudos.

(Esc. 138 600$00)

MÓVEIS

Todo o recheio do HOTEL, CAFÉ e SALÃO DE BAILE, composto por mobiliário, roupas, louças, serviço de vidros, máquinas registadoras, moínho eléctrico de café, balanças, vinhos, diverso vasilhame e outros artigos, que vão à praça para serem arrematados pelo maior lanço oferecido acima do valor do arrolamento.

Encargos da praça por conta dos arrematantes.

Aveiro, 3 de Julho de 1968

O Administrador da Massa Falida,

Manoel da Cruz e Sousa

O Síndico,

António Máximo da Silva Guimarães

SOBRE TEATRO

Continuação da primeira página

esta colaboração do povo. Reconhecê-la não custa e é bonito. Por isso o faço.

Já sobre os aveirenses não acudirem àquilo que, por conceito ou cultura, se chama de «teatro sério» do CETA, talvez não seja despropositado aqui referir uma frase lapidar do Dr. Augusto de Castro «só fazem carreira, em toda a parte, as peças que agradam às mulheres». É uma opinião, mas relaciona-se de certo modo com umas circunstâncias especiais do CETA...

O certo é que Aveiro — Aveiro e os seus gostos — já existia antes do CETA nascer, e as leis da natureza não se modificaram por isso — e ao neófito resta-lhe aprender a mamar, primeira realidade a que se tem de ajeitar.

Portanto, relembro este pormenor:

— exigiu-se em linguagem de ultimato, um Teatro de Bolso (Carlos Clássico, no **Correio do Vouga** de 21/6), sem sequer esse problema ter sido alguma vez posto por quem de direito a quem de direito. (Não haverá uma hierarquia a respeitar, e uns termos convenientes a usar?)

— No dia seguinte, no **Litoral,** o meu amigo falou, nada lisonjeiramente, dos gostos duma cidade, no mesmo preciso momento em que a essa Cidade pedia um «favor»: — um barracão para ensaiar!

Estivesse esse ultimato assinado com o verdadeiro nome do seu autor (para não haver confusões), e, por outro lado, não estivesse eu, como director que fui do CETA, comprometido às ajudas que o CETA recebeu da Cidade, e eu não me envolveria de forma nenhuma neste assunto, pois a Cidade não precisa de mim para a defender (volto a referir que o seu último artigo deixa muito boa impressão).

Mas...

Carlos Clássico (quem é este senhor, Idalécio?), refere no já referido artigo, que o Teatro de Bolso «seria a solução para os problemas de teatro (e não só de teatro) em Aveiro». Repare nisto: **e não só de teatro** ! Que mundo de coisas!

Quere isto dizer, se bem entendo, que o mesmo edifício serviria não só para o teatro amador (e aveirense, claro), como também para outros fins, possivelmente exposições de pintura, conferências, etc.

Sendo assim, quem nos garante que amanhã não se levantará outra voz ameaçadora a dizer: — se o TB não é só para o CETA, então acabe-se com o CETA (ou com o TB)? É hipótese arrevezada, mas o meu caro Idalécio tem provas à mão e recentes.

De qualquer forma — TB só para o CETA, ou TB para as diversas manifestações artísticas ou similares —, importa apresentar a «alguém» de direito, em termos inteligíveis, o que se pretende. É diligência imprescindível. Para isso, ter-se-á de estudar, a grosso modo que seja, algumas coisas, a saber:

— a quanto montará tal edifício, que necessàriamente terá de ser vasto: — palco e salão de festas, sala de fumo, camarins, compartimentos de higiene, biblioteca, águas, instalação eléctrica, dependências administrativas, mobiliário, etc., etc.?

— a quanto irá a sua conservação anual (edifício), a conservação e reparação do seu mobiliário?

— quais os planos que o CETA apresenta para estruturar e pôr em movimento um teatro de vanguarda, experimental e útil aos aveirenses?

— quem serão os homens que tomam a responsabilidade dum trabalho fecundo e duradoiro, como será este que se pretende dum TB bem organizado?

São perguntas (e não todas) que surgem ao correr da pena mas que infalivelmente as terá de fazer esse «alguém» que se dispusesse a gastar umas centenas de contos com o almejado TB.

Estas e outras perguntas são as que a tal mocidade a que me referi não fez a si própria. Ora se nessa mocidade não houve «irreflexão» como você diz, então que provas nos ficam que haja reflectido sobre isto, (isto) que é o mais importante?

Meu caro Idalécio: — se conhece Carlos Clássico, diga-lhe de minha parte que os rios não passam pelo meio das cidades, mas foram as cidades que se construiram à beira dos rios.

E apareça quando quiser. Como sempre, estou no aido, debaixo do pessegueiro, a pensar nos homens, nas coisas e nos bichos.

Bartolomeu Conde

SCRÁSH

Continuação da primeira página

sua existência duas fases distintas. A primeira, artística, e que até teve um director, o mesmo Mário da Rocha, cujas pestanas foram queimadas ao serviço da arte pela arte, mas que fez ganhar um nome que os artistas foram prestigiando e que a realização do 1.º Salão Aveiro consolidou. A segunda, não será ela só comercial? É que a arte, no caso, até é cartaz, serve de carrilamento do público para a venda dos mil bicabraques que também se expõem a par das exposições, como sucedeu com as de Guima e Ezequiel, sendo aqueles que foram vendidos e não as suas obras, que foram expostas.

Acha, pois, Senhora de Jaime Borges, que os artistas dão prejuízo, ou a eles é que — analisadas devidamente as coisas — deveriam pertencer as percentagens de que fala?

Então esquece que o próprio Teatro Aveirense, com muito mais encargos, não só nada cobra, como ainda, não exigindo percentagens, facilita entradas gratuitas nos seus espectáculos?

Despesas da Galeria!!! Mas que despesas, Senhora de Jaime Borges? Será assim tão caro o fio da pesca para dependurar os quadros? E que confrontos os seus, esses das Galerias «Divulgação, Quadrante, 111, Buchholz, etc., etc.,» com a Galeria Borges! Então julga que muita gente não sabe, que as exposições patentes na Galeria Borges são montadas pelos próprios artistas e que os Salões Aveiro têm sido pràticamente montados pelos expositores, sendo também estes os autores dos cartazes, catálogos e quase toda a publicidade na Imprensa?

E, Senhora de Jaime Borges, que indelicadeza a sua, ao classificar os artistas de «Penduras»! Como é que não compreende que o trabalho já referenciado, mais que justifica esses «raros» transportes de que fala, o que, se viagens de autocarro fossem, mais não pagariam que sete tostões, catorze ida e volta! E não acha que, no caso especial do Salão Aveiro, esses «raros» transportes são obrigação demasiado pequena para quem, além do mais, é informado da realização do Salão — como todos os artistas ainda este ano o foram — com apenas 9 dias de antecedência, ou seja, o prazo dado pela Galeria aos artistas para a entrega dos seus trabalhos? Não sabe que o SNI comunica a realização dos seus Salões com mais de um mês de antecedência? Claro que cá, há o recurso à prorrogação do prazo de entrega, como também dos trabalhos de encomenda mandados executar à última hora, mas isso é abastardar a arte e iludir quem generosamente tudo paga. E, já agora, diga-me cá: quais os motivos porque têm estado ausentes do Salão Manuela Canossa, Helder Bandarra, Gaspar Albino, Sérgio Loff, Carlos Neto, Fernando Filipe e Sérgio Gamelas, artistas tão entusiastas, todos eles já premiados, alguns até várias vezes? Não lhes assistirão razões legítimas, como as apontadas, razões também de muitos outros afastados? Não estarão as desistências também ligadas ao tal parasitismo apontado na minha estrevista e que, o seu artigo tenta indevidamente devolver ao próprio artista?

Ninguém pôs em dúvida, ninguém discute até — apesar de poderem opor-se verdades semi-ocultas — as percentagens que as Galerias cobram nas exposições quando delas depende a manutenção destas! Mas agora, como no Salão Aveiro, onde tudo é pago, francamente Senhora de Jaime Borges!!! Quem é afinal mais parasita? O Artista, ou aquele que vive do seu «parasitismo»? Deixemos que o Público julgue:

— Afinal, onde está o parasita? —

Aveiro, 8 de Julho de 1968

CARBATY

CONJUGAÇÃO FINAL

Continuação da primeira página

exemplifica-o. Um retorno a um realismo *exasperado*, diferente portanto, de acordo com a sua época). Em contrapartida, o teatro da chamada vanguarda francesa, por exemplo (Ionesco, Beckett, Arrabal) não nos entra já verdadeiramente. Não nos socorre.

A «mensagem» que agora queremos e procuramos já não pode ser inteiramente niilista, mas sim de esperança, *ainda*. Sentimos agora que as nossas vozes desejariam juntar-se às do Living e do Teatro Pobre de Grotowski, ressonâncias a partir de Artaud. Como se acentua no SL n.º 516 do Diário de Lisboa, «Godot», pela mão do jovem alemão Peter Handke, já chegou tarde. Histèricamente tarde. Já não podemos querer mitos puros que nada nos trazem senão espaços totalmente brancos para o reconhecimento tautológico e faccioso do Fim, com visões desesperadas e desesperantes da humanidade, ausentados de perspectivas esperançosas. Queremos, isso sim, gritos viscerais que nos levem a um sítio, a um campo. Queremos uma dialéctica. Estamos ainda com Artaud e Genet na defesa dum teatro acusador, gritante, baseado na Simplicidade Total. Estamos (em reflexão) com Jerzy Grotowski, embora não inteiramente, na defesa dum Teatro Pobre. Estamos com Julian Beck na compartilhação dum teatro de provocação e desafio, tremendamente real (real não transpositório). Mas todos estes caminhos não passam, para já pelo menos, de utopias, pois a sua concretização não existe. Vivem em nós, mas não passam disso. E no teatro a base é acção. Nós ficamos (até quando?) pelas teorizações.

Não podemos pretender, para já, (as estruturas...) um teatro-laboratório, como parece querer dizer Jorge Lagos. Precisamos dum teatro preparatório (sem por essa preparação se cair no fácil). Alienado, nunca, como Lagos o «acusa». Repare-se que continua a manter-se no ocidente o que para Artaud era «bárbaro»: a divisão do teatro. O teatro dito intelectual, dum lado, e o teatro dito popular, doutro. Precisar-se-ia, como no teatro oriental, duma conjugação cénica de enraização. Não nos esqueçamos, de qualquer maneira, que o mal vem mais de baixo.

D) Este mal genérico existe também nos grupos. É impossível uma homogeneidade. No Ceta, por exemplo, há apenas uma meia dúzia de indivíduos que sente necessidade dum «teatro novo» (e *novo* não pela novidade, não para estar na moda, mas por ser esse teatro uma necessidade visceral). O teatro para muitos continua a ser um passatempo. É claro que o mal não será esse, mas sim a «não compreensão» de que os novos, hoje, querem e podem. Mas não queiramos mal aos que vêem o teatro como passatempo. De qualquer modo, eles trabalham (os que trabalham, claro) em prol duma sociedade, melhorando e melhorando-se. Não podemos ter a veleidade de pretender fazê-los mudar de repente. Fazem o que podem e sabem (os que fazem, repito).

É por isso que somos mùtuamente intrusos. É por isso que a preparação, a existir, tem de começar no interior do próprio grupo. Mas como poderá ela existir, concreta, sem um teatro-de-bolso, em espectáculos episódicos?

E) Sabendo que perante os factos apontados por Jorge Lagos e por mim, porventura, as saídas são já poucas para um interesse geral, proponho que a continuar o façamos por carta, particularmente, atendendo a que com certeza o *Litoral* tem mais com que ocupar as suas páginas.

JÚLIO HENRIQUES

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado	M. CALADO
Domingo	AVENIDA
2.ª feira	SAÚDE
3.ª feira	OUDINOT
4.ª feira	NETO
5.ª feira	MOURA
6.ª feira	CENTRAL

Das 9 h. às 9 h. do dia seguinte

A CIDADE

PELA CÂMARA MUNICIPAL

● Foi deliberado encarregar a firma empreiteira da obra de construção do «Edifício Comercial e Esplanada» do arranjo da fachada e montras dos estabelecimentos, com frentes para a Rua do Clube dos Galitos.

Foi também aprovado, para efeito do pagamento à firma empreiteira da mesma obra, um auto de medição de trabalhos, na importância de 62 403$80.

● Foi deliberado adquirir uma parcela de terreno, em S. Bernardo, com a área de 1 140 m², destinada à futura ampliação do Cemitério de S. Bernardo.

● Foram presentes 22 processos de Obras, que mereceram os seguintes despachos: 19 deferimentos, 1 indeferimento e 2 informações.

MATRÍCULAS NO CICLO PREPARATÓRIO DO ENSINO SECUNDÁRIO

Decorrerá de 11 a 20 de Agosto próximo o prazo de inscrição no primeiro ano do Ciclo Preparatório do Ensino Secundário, efectuando-se as matrículas no Liceu Nacional de Aveiro.

É necessário apresentar os seguintes documentos: boletim de inscrição, de modelo oficial; atestado médico comprovativo de que o aluno não sofre de doença contagiosa e de que foi vacinado dentro dos prazos legais; documento comprovativo das habilitações escolares exigidas (diploma de aprovação no exame do Ciclo Elementar — 4.ª Classe do Ensino Primário como habilitações mínimas); e bilhete de identidade.

TRÁGICAS OCORRÊNCIAS

— HOMEM AFOGADO NA BARRA

No sábado, teve final trágico um passeio que o construtor civil sr. Amândio Maia Saraiva, de 33 anos, casado, residente em Aradas, resolveu realizar até à praia da Barra, juntamente com os seus primos, srs. Bernardino Carvalho Saraiva e João Saraiva.

Quando tomava banho no mar, o sr. Amândio Saraiva sentiu-se sem pé e ficou aflito, por não saber nadar o suficiente para regressar para posição segura. Seu primo sr. João Saraiva lançou-se prontamente em seu auxílio; mas foi o banheiro ali em serviço, juntamente com o sr. João Manuel Patela Rita, que conseguiram trazê-lo para a praia, já sem dar acordo de si.

Ali mesmo, o ilustre médico de Vagos Dr. Frederico de Moura, que se encontrava de passagem na Barra, tentou reanimar aquele banhista, mas baldadamente; em seguida, o inditoso construtor civil foi transportado para Aveiro — mas com tanta infelicidade que o automóvel em que o transportavam teve um furo, sendo necessário recorrer ao serviço duma ambulância dos Bombeiros.

No Hospital de Santa Joana Princesa, apesar dos esforços realizados, não foi possível salvar o sr. Amândio Saraiva.

— RAPAZITO AFOGADO NA RIBEIRA DE ESGUEIRA

No domingo, à tarde, o menor António Rodrigues Galo, de 16 anos, aprendiz de serralheiro, filho do sr. Joaquim Rodrigues Galo e da sr.ª D. Maria José Rodrigues, residentes nos Arneiros, em Mataduços, resolveu banhar-se na Ribeira de Esgueira.

Fê-lo, porém, com pouca sorte, pois veio a perecer afogado naquelas águas, donde veio a ser retirado pelos bombeiros, chamados ao local depois de dado o alarme por uns rapazes que também ali tinham ido tomar banho e ainda viram o infortunado banhista a debater-se com as águas, esbracejando e tentando aguentar-se à superfície, agarrado a uma tábua.

— ENCONTRADO O CADÁVER DO MENOR DESAPARECIDO EM S. JACINTO

Quando andavam na pesca, frente ao campo de aviação da Base Aérea de S. Jacinto, os pescadores da bateira «Senhora das Areias», do arrais sr. João Jesus Fradoca, avistaram um vulto a boiar nas águas da Ria.

Dirigindo-se para o local, encontraram um cadáver, já em adiantado estado de decomposição, que transportaram para a Ilha do Mó do Meio, no Forte da Barra.

Em terra, não foi difícil a sua identificação, pois logo verificaram tratar-se do menor, de 6 anos, João António de Castro Oliveira, filho do sr. Armando de Oliveira Marcelo e da sr.ª D. Maria da Purificação de Castro, residentes em S. Jacinto, e que havia desaparecido em 4 do passado mês de Junho.

Não obstante os largos dias em que andou na água, o inditoso João António encontrava-se vestido, mas o corpo trazia os braços decepados pelos cotovelos e já não tinha os pés.

PELA JUNTA AUTÓNOMA

NAVEGAÇÃO

Entradas: dia 2 — navio-tanque português, PORTO DE AVEIRO, de 1 859 tAB, proveniente de Lisboa, em lastro; e dia 4 — navio-motor português, SANTO ANDRÉ, de 1 242 tAB, proveniente dos pesqueiros, com bacalhau verde.

Saídas: dia 30 — navio-motor holandês, ATLANTIDE, para Jersey, com tabuinha e carga geral; e dia 4 — navio tanque português, PORTO DE AVEIRO, para Lisboa, com carregamento de vinhos a granel, destinado a Luanda.

VIAGEM INAUGURAL DO «PORTO DE AVEIRO»

Registou-se, esta semana, a entrada do PORTO DE AVEIRO, o primeiro navio-cisterna português, da Sociedade Portuguesa de Navios-Cisternas «TRANSNAVI», adquirido para o transporte de vinhos a granel em carreira regular entre a Metrópole e o Ultramar, a qual foi inaugurada com esta viagem a Aveiro.

O facto, a que se associaram toda sas autoridades locais e os administradores da Sociedade, merece ser digno de registo, por corresponder a uma homenagem ao porto de Aveiro como pioneiro do sistema de transporte de vinhos a granel para o Ultramar, cujas carreiras foram iniciadas, há cerca de três anos, com a entrada em funcionamento das instalações de armazenamento de vinhos, construídas pela JAPA na zona industrial do Porto de Aveiro.

As manobras de entrada e de saída do novo navio processaram-se normalmente, tendo saído a barra com um carregamento de cerca de dois milhões de litros de vinho, calando cerca de 18 pés.

VIDA COMERCIAL

Vai abrir ao público, na próxima segunda-feira, dia 15, na Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, ao n.º 360, um novo estabelecimento comercial: a casa «Tricot-Malha», de que são proprietários os srs. Fernando Melo e Manuel de Jesus Marujo, sócios dos Armazéns «Marujo & Melo, L.da».

O novo estabelecimento, montado com sobriedade e bom-gosto, destina-se ao comércio de fios de «tricot» e malhas de que possui uma variada gama de exclusivos, apresentando, ainda, uma novidade em confecções de tapetes. A orientação de vendas ficará a cargo da sr.ª D. Maria Parreira Marques.

Desejamos as maiores prosperidades à casa «Tricot-Malha» e aos seus dinâmicos proprietários.

NOVO HORÁRIO DAS CARREIRAS DA AUTO-VIAÇÃO AVEIRENSE

A partir de 15 do corrente, e até 30 de Setembro, as várias carreiras entre Aveiro e Costa Nova da Auto-Viação Aveirense terão novo horário.

Indicamos a seguir as horas das partidas dessas carreiras:

AVEIRO (Escritório) — 7.40 — 8.30 — 9.30 — 10.50 — 12 — 13 — 14 — 15 — 16.30 — 18 — 18.45 — 19.35 — 20.15 (a) — 21.15.

COSTA NOVA (Garagem da A. V. A.) — 6.45 — 7.30 — 8.10 — 9.30 — 10.10 — 11.25 — 12.20 — 13.25 — 14.20 — 15.25 — 16.50 — 17.45 — 18.45 — 19.20 (a) — 20.15.

As carreiras assinaladas com (a) só se realizam de 1 a 31 de Agosto; cinco minutos antes das horas designadas para as saídas de Aveiro, os autocarros têm partidas na Estação.

AGRADECIMENTO

Glória Martins Canha Limas

A sua Família, na impossibilidade de poder agradecer pessoalmente a todas as pessoas que acompanharam a saudosa extinta à sua última morada, vem, por este meio, fazê-lo, pedindo desculpa por qualquer falta involuntàriamente cometida.

Cartaz dos Espectáculos

CINE-TEATRO AVENIDA

Sábado, 13 (à noite) — CAVALGADA SANGRENTA, com Robert Horton, Diane Baker e Sal Mineo.

Para maiores de 12 anos.

Domingo, 14 (à tarde e à noite) — O HOMEM QUE VEIO DO FUTURO, com Roddy McDonall, Maurice Evans e Kin Hunter.

Para maiores de 12 anos.

Terça-feira, 16 (à noite) — YO YO, com Pierre Etaix e Claudine Auger.

Para maiores de 12 anos.

ROTARY CLUBE

Em reunião festiva, realizada em 29 de Junho findo, realizou-se a cerimónia da transmissão de poderes à nova Direcção do Rotary Clube de Aveiro, durante um almoço efectuado no Restaurante Galo d'Ouro.

Assistiram muitas senhoras, o Governador do Distrito Rotário 176 (Portugal), sr. Dr. José Constantino Correia Rosas, e rotários dos clubes congéneres do Porto, Matosinhos, Viana do Castelo, Estarreja, S. João da Madeira e Caldas da Rainha.

Usaram da palavra os srs.: Eng.º João de Oliveira Barrosa, Presidente da Direcção cessante, Carlos Grangeon Ribeiro Lopes, Dr. Correia Rosas, Eduardo Cerqueira e António Ferreira Leite Pais, Presidente da nova Direcção.

No decurso da reunião, foi prestada significativa homenagem ao rotário portuense sr. Joaquim Sá, que apadrinhou a fundação do Rotary Clube de Aveiro, sendo-lhe oferecida uma artística peça de porcelana, com uma expressiva dedicatória.

O novo elenco directivo ficou com a seguinte constituição: *Presidente* — António Ferreira Leite Pais. *1.º Vice-Presidente* — Carlos Manuel Gamelas. *2.º Vice-Presidente* — Arquitecto Rogério Neto Barroca. *1.º Secretário* — Eng.º Lauro Amando Ferreira Marques. *2.º — Secretário* — José Gamelas Matias. *Chefe do Protocolo* — Carlos Grangeon Ribeiro Lopes. *Chefe do Protocolo Substituto* — Rodolfo da Costa Martins Teles. *Tesoureiro* — Francisco Fernando da Encarnação Dias. *Vogais* — Eng.º António Sebastião Nóbrega Canelas e Jorge Pinto Camossa.

ESPECTÁCULO DE TEATRO PARA O BEIRA-MAR

Na próxima sexta-feira, 19 do corrente, pelas 21.30 horas, a Companhia de Vasco Morgado apresenta, no Teatro Aveirense, a interessante comédia «AGARRA QUE É MILIONÁRIO», interpretada por Henrique Santana, Irene Isidro, Artur Semedo, Anabela e Benjamim Falcão.

A receita do espectáculo reverterá para o Sport Clube Beira-Mar.

PELO GRÉMIO DA LAVOURA DE AVEIRO E ÍLHAVO

MERCADO DA BATATA DE CONSUMO

A Federação dos Grémios da Lavoura da Província da Beira-Litoral, de que o Grémio da Lavoura de Aveiro e Ílhavo faz parte, inicia na próxima segunda-feira, 15 do corrente, o envio de batata de consumo para os mercados de Lisboa e do Porto.

O preço a pagar à produção, a partir daquela data, será de 1$10 por quilo. Por isso, todos os lavradores interessados na colocação das respectivas produções devem, antes de proceder ao seu arranque, contactar com os Grémios da Lavoura, onde lhes serão prestados os esclarecimentos necessários.

«VERBENAS DE AVEIRO»

Amanhã, com início às 21.45 horas, efectua-se novo espectáculo de variedades, no recinto das «Verbenas de Aveiro», no Parque do Infante D. Pedro.

Actuam os conhecidos artistas Simone de Oliveira, Vítor Mendes, Mariano Franco, Maria Amélia Lopes, Fernando Tristão e Maria Antónia, o «Quinteto Portuense» e o locutor José João.

Será ainda apresentado o grupo de gentis aveirenses que representou a nossa cidade, recentemente, no «II Cortejo Etnográfico da Cidade de Évora» e no «Cortejo do Mar», realizado em Coimbra.

REGULAMENTO DO PORTO DE PESCA COSTEIRA DE AVEIRO

A Comissão Administrativa da Junta Autónoma do Porto de Aveiro, depois de ouvidas outras entidades interessadas e com jurisdição no local, deliberou pôr em vigor, a partir de 15 do corrente mês de Julho, um novo *Regulamento do Porto de Pesca Costeira de Aveiro.*

O diploma inclui os seguintes capítulos: I — Disposições Gerais. II — Peixe das Traineiras. III — Peixe da Pesca Artesanal. IV — Peixe de Arrasto Costeiro. V — Peixe Proveniente de Outros Portos. VI — Horário da Lota. VII — Encargos. VIII — Ponte-Cais de Abastecimentos.

FAZEM ANOS:

Hoje, 13 — *O menino José Lívio Alves Simaria, filho do sr. Augusto Alves Simaria.*

Amanhã, 14 — *A sr.ª D. Maria Regina Dantas Gomes, esposa do sr. Dr. Ruben Gomes, o sr. Carlos Alberto da Cunha Redondo e os meninos Carlos Rafael, filho do sr. Aguinaldo Armindo da Silva Melo, e João Francisco, filho do sr. Fernando da Ascensão Soares.*

Em 15 — *A sr.ª Prof.ª D. Maria Susana Rocha Salvador Ferreira Fernandes, esposa do sr. Capitão João António Ferreira Fernandes, os srs. Jorge Ferreira Martins e João Marques, e a menina Maria Regina, filha do sr. Fernão Borges de Carvalho,*

Em 16 — *As sr.as D. Maria Dora Gamelas de Carvalho Santos, D Filomena dos Reis Peixinho, esposa do sr. António Henriques da Cunha, D. Maria Rosa de Melo de Vilhena, e D. Isménia da Silva Neto Brandão, esposa do sr. Prof. João de Pinho Brandão, e os srs. Felisberto Pereira e José Bernardino Lopes Tavares.*

Em 17 — *O sr. Luís de Melo Rego, as meninas Maria de Fátima, filha do sr. António Maria Duarte Vieira Gamelas, e Maria Alexandra, filha do sr. Dr. António Alexandre Pinto, e o menino Cirilo Manuel, filho do sr. Floriano Gomes Gadim.*

Em 18 — *As sr.as D. Maria Regina Marcela Lavrador Quininha, esposa do sr. Dr. Cândido Quininha, e D. Adélia Ferreira Fernandes, esposa do sr. Capitão Diamantino Fernandes, o sr. Luís Gomes da Costa, a menina Maria Manuel, filha do sr. Dr. Fernando Alberto Curado Seiça Neves, e os meninos António Júlio, filho do sr. António Eduardo Horta Azevedo, e Jorge Manuel, filho do sr. António Aníbal Valente.*

Em 19 — *As sr.as D. Júlia de Lemos Félix, esposa do sr. Manuel da Silva Félix, D. Gabriela de Melo Rebelo, D. Amélia do Bem, esposa do sr. Viriato Patrício do Bem, e D. Maria Camarinha da Cunha, esposa do sr. Artur Gouveia da Cunha.*

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado . . .	M. CALADO
Domingo . . .	AVENIDA
2.ª feira . .	SAÚDE
3.ª feira . . .	OUDINOT
4.ª feira	NETO
5.ª feira	MOURA
6.ª feira	CENTRAL

Das 9 h. às 9 h. do dia seguinte

A CIDADE

PELA CÂMARA MUNICIPAL

● Foi deliberado encarregar a firma empreiteira da obra de construção do «Edifício Comercial e Esplanada» do arranjo da fachada e montras dos estabelecimentos, com frentes para a Rua do Clube dos Galitos.

Foi também aprovado, para efeito do pagamento à firma empreiteira da mesma obra, um auto de medição de trabalhos, na importância de 62 403$80.

● Foi deliberado adquirir uma parcela de terreno, em S. Bernardo, com a área de 1 140 m², destinada à futura ampliação do Cemitério de S. Bernardo.

● Foram presentes 22 processos de Obras, que mereceram os seguintes despachos: 19 deferimentos, 1 indeferimento e 2 informações.

MATRÍCULAS NO CICLO PREPARATÓRIO DO ENSINO SECUNDÁRIO

Decorrerá de 11 a 20 de Agosto próximo o prazo de inscrição no primeiro ano do Ciclo Preparatório do Ensino Secundário, efectuando-se as matrículas no Liceu Nacional de Aveiro.

É necessário apresentar os seguintes documentos: boletim de inscrição, de modelo oficial; atestado médico comprovativo de que o aluno não sofre de doença contagiosa e de que foi vacinado dentro dos prazos legais; documento comprovativo das habilitações escolares exigidas (diploma de aprovação no exame do Ciclo Elementar — 4.ª Classe do Ensino Primário como habilitações mínimas); e bilhete de identidade.

TRÁGICAS OCORRÊNCIAS

— HOMEM AFOGADO NA BARRA

No sábado, teve final trágico um passeio que o construtor civil sr. Amândio Maia Saraiva, de 33 anos, casado, residente em Aradas, resolveu realizar até à praia da Barra, juntamente com os seus primos, srs. Bernardino Carvalho Saraiva e João Saraiva.

Quando tomava banho no mar, o sr. Amândio Saraiva sentiu-se sem pé e ficou aflito, por não saber nadar o suficiente para regressar para posição segura. Seu primo sr. João Saraiva lançou-se prontamente em seu auxílio; mas foi o banheiro ali em serviço, juntamente com o sr. João Manuel Patela Rita, que conseguiram trazê-lo para a praia, já sem dar acordo de si.

Ali mesmo, o ilustre médico de Vagos Dr. Frederico de Moura, que se encontrava de passagem na Barra, tentou reanimar aquele banhista, mas baldadamente; em seguida, o inditoso construtor civil foi transportado para Aveiro — mas com tanta infelicidade que o automóvel em que o transportavam teve um furo, sendo necessário recorrer ao serviço duma ambulância dos Bombeiros.

No Hospital de Santa Joana Princesa, apesar dos esforços realizados, não foi possível salvar o sr. Amândio Saraiva.

— RAPAZITO AFOGADO NA RIBEIRA DE ESGUEIRA

No domingo, à tarde, o menor António Rodrigues Galo, de 16 anos, aprendiz de serralheiro, filho do sr. Joaquim Rodrigues Galo e da sr.ª D. Maria José Rodrigues, residentes nos Arneiros, em Matadouços, resolveu banhar-se na Ribeira de Esgueira.

Fê-lo, porém, com pouca sorte, pois veio a perecer afogado naquelas águas, donde veio a ser retirado pelos bombeiros, chamados ao local depois de dado o alarme por uns rapazes que também ali tinham ido tomar banho e ainda viram o infortunado banhista a debater-se com as águas, esbracejando e tentando aguentar-se à superfície, agarrado a uma tábua.

— ENCONTRADO O CADÁVER DO MENOR DESAPARECIDO EM S. JACINTO

Quando andavam na pesca, frente ao campo de aviação da Base Aérea de S. Jacinto, os pescadores da bateira «Senhora das Areias», do arrais sr. João Jesus Fradoca, avistaram um vulto a boiar nas águas da Ria.

Dirigindo-se para o local, encontraram um cadáver, já em adiantado estado de decomposição, que transportaram para a Ilha do Mó do Meio, no Forte da Barra.

Em terra, não foi difícil a sua identificação, pois logo verificaram tratar-se do menor, de 6 anos, João António de Castro Oliveira, filho do sr. Armando de Oliveira Marcelo e da sr.ª D. Maria da Purificação de Castro, residentes em S. Jacinto, e que havia desaparecido em 4 do passado mês de Junho.

Não obstante os largos dias em que andou na água, o inditoso João António encontrava-se vestido, mas o corpo trazia os braços decepados pelos cotovelos e já não tinha os pés.

PELA JUNTA AUTÓNOMA

NAVEGAÇÃO

Entradas: dia 2 — navio-tanque português, PORTO DE AVEIRO, de 1 859 tAB, proveniente de Lisboa, em lastro; e dia 4 — navio-motor português, SANTO ANDRÉ, de 1 242 tAB, proveniente dos pesqueiros, com bacalhau verde.

Saídas: dia 30 — navio-motor holandês, ATLANTIDE, para Jersey, com tabuinha e carga geral; e dia 4 — navio tanque português, PORTO DE AVEIRO, para Lisboa, com carregamento de vinhos a granel, destinado a Luanda.

VIAGEM INAUGURAL DO «PORTO DE AVEIRO»

Registou-se, esta semana, a entrada do PORTO DE AVEIRO, o primeiro navio-cisterna português, da Sociedade Portuguesa de Navios-Cisternas «TRANSNAVI», adquirido para o transporte de vinhos a granel em carreira regular entre a Metrópole e o Ultramar, a qual foi inaugurada com esta viagem a Aveiro.

O facto, a que se associaram toda sas autoridades locais e os administradores da Sociedade, merece ser digno de registo, por corresponder a uma homenagem ao porto de Aveiro como pioneiro do sistema de transporte de vinhos a granel para o Ultramar, cujas carreiras foram iniciadas, há cerca de três anos, com a entrada em funcionamento das instalações de armazenamento de vinhos, construídas pela JAPA na zona industrial do Porto de Aveiro.

As manobras de entrada e de saída do novo navio processaram-se normalmente, tendo saído a barra com um carregamento de cerca de dois milhões de litros de vinho, calando cerca de 18 pés.

VIDA COMERCIAL

Vai abrir ao público, na próxima segunda-feira, dia 15, na Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, ao n.º 360, um novo estabelecimento comercial: a casa «Tricot-Malha», de que são proprietários os srs. Fernando Melo e Manuel de Jesus Marujo, sócios dos Armazéns «Marujo & Melo, L.da».

O novo estabelecimento, montado com sobriedade e bom-gosto, destina-se ao comércio de fios de «tricot» e malhas de que possui uma variada gama de exclusivos, apresentando, ainda, uma novidade em confecções de tapetes. A orientação de vendas ficará a cargo da sr.ª D. Maria Parreira Marques.

Desejamos as maiores prosperidades à casa «Tricot-Malha» e aos seus dinâmicos proprietários.

NOVO HORÁRIO DAS CARREIRAS DA AUTO-VIAÇÃO AVEIRENSE

A partir de 15 do corrente, e até 30 de Setembro, as várias carreiras entre Aveiro e Costa Nova da Auto-Viação Aveirense terão novo horário.

Indicamos a seguir as horas das partidas dessas carreiras:

AVEIRO (Escritório) — 7.40 — 8.30 — 9.30 — 10.50 — 12 — 13 — 14 — 15 — 16.30 — 18 — 18.45 — 19.35 — 20.15 (a) — 21.15.

COSTA NOVA (Garagem da A. V. A.) — 6.45 — 7.30 — 8.10 — 9.30 — 10.10 — 11.25 — 12.20 — 13.25 — 14.20 — 15.25 — 16.50 — 17.45 — 18.45 — 19.20 (a) — 20.15.

As carreiras assinaladas com (a) só se realizam de 1 a 31 de Agosto; cinco minutos antes das horas designadas para as saídas de Aveiro, os autocarros têm partidas na Estação.

AGRADECIMENTO

Glória Martins Canha Limas

A sua Família, na impossibilidade de poder agradecer pessoalmente a todas as pessoas que acompanharam a saudosa extinta à sua última morada, vem, por este meio, fazê-lo, pedindo desculpa por qualquer falta involuntàriamente cometida.

Cartaz dos Espectáculos

CINE-TEATRO AVENIDA

Sábado, 13 (à noite) — CAVALGADA SANGRENTA, com Robert Horton, Diane Baker e Sal Mineo.

Para maiores de 12 anos.

Domingo, 14 (à tarde e à noite) — O HOMEM QUE VEIO DO FUTURO, com Roddy McDonall, Maurice Evans e Kin Hunter.

Para maiores de 12 anos.

Terça-feira, 16 (à noite) — YO YO, com Pierre Etaix e Claudine Auger.

Para maiores de 12 anos.

ROTARY CLUBE

Em reunião festiva, realizada em 29 de Junho findo, realizou-se a cerimónia da transmissão de poderes à nova Direcção do Rotary Clube de Aveiro, durante um almoço efectuado no Restaurante Galo d'Ouro.

Assistiram muitas senhoras, o Governador do Distrito Rotário 176 (Portugal), sr. Dr. José Constantino Correia Rosas, e rotários dos clubes congéneres do Porto, Matosinhos, Viana do Castelo, Estarreja, S. João da Madeira e Caldas da Rainha.

Usaram da palavra os srs.: Eng.º João de Oliveira Barrosa, Presidente da Direcção cessante, Carlos Grangeon Ribeiro Lopes, Dr. Correia Rosas, Eduardo Cerqueira e António Ferreira Leite Pais, Presidente da nova Direcção.

No decurso da reunião, foi prestada significativa homenagem ao rotário portuense sr. Joaquim Sá, que apadrinhou a fundação do Rotary Clube de Aveiro, sendo-lhe oferecida uma artística peça de porcelana, com uma expressiva dedicatória.

O novo elenco directivo ficou com a seguinte constituição: *Presidente* — António Ferreira Leite Pais. *1.º Vice-Presidente* — Carlos Manuel Gamelas. *2.º Vice-Presidente* — Arquitecto Rogério Neto Barroca. *1.º Secretário* — Eng.º Lauro Amando Ferreira Marques. *2.º — Secretário* — José Gamelas Matias. *Chefe do Protocolo* — Carlos Grangeon Ribeiro Lopes. *Chefe do Protocolo Substituto* — Rodolfo da Costa Martins Teles. *Tesoureiro* — Francisco Fernando da Encarnação Dias. *Vogais* — Eng.º António Sebastião Nóbrega Canelas e Jorge Pinto Camossa.

ESPECTÁCULO DE TEATRO PARA O BEIRA-MAR

Na próxima sexta-feira, 19 do corrente, pelas 21.30 horas, a Companhia de Vasco Morgado apresenta, no Teatro Aveirense, a interessante comédia «AGARRA QUE É MILIONÁRIO», interpretada por Henrique Santana, Irene Isidro, Artur Semedo, Anabela e Benjamim Falcão.

A receita do espectáculo reverterá para o Sport Clube Beira-Mar.

PELO GRÉMIO DA LAVOURA DE AVEIRO E ÍLHAVO

MERCADO DA BATATA DE CONSUMO

A Federação dos Grémios da Lavoura da Província da Beira-Litoral, de que o Grémio da Lavoura de Aveiro e Ílhavo faz parte, inicia na próxima segunda-feira, 15 do corrente, o envio de batata de consumo para os mercados de Lisboa e do Porto.

O preço a pagar à produção, a partir daquela data, será de 1$10 por quilo. Por isso, todos os lavradores interessados na colocação das respectivas produções devem, antes de proceder ao seu arranque, contactar com os Grémios da Lavoura, onde lhes serão prestados os esclarecimentos necessários.

«VERBENAS DE AVEIRO»

Amanhã, com início às 21.45 horas, efectua-se novo espectáculo de variedades, no recinto das «Verbenas de Aveiro», no Parque do Infante D. Pedro.

Actuam os conhecidos artistas Simone de Oliveira, Víctor Mendes, Mariano Franco, Maria Amélia Lopes, Fernando Tristão e Maria Antónia, o «Quinteto Portuense» e o locutor José João.

Será ainda apresentado o grupo de gentis aveirenses que representou a nossa cidade, recentemente, no «II Cortejo Etnográfico da Cidade de Évora» e no «Cortejo do Mar», realizado em Coimbra.

REGULAMENTO DO PORTO DE PESCA COSTEIRA DE AVEIRO

A Comissão Administrativa da Junta Autónoma do Porto de Aveiro, depois de ouvidas outras entidades interessadas e com jurisdição no local, deliberou pôr em vigor, a partir de 15 do corrente mês de Julho, um novo *Regulamento do Porto de Pesca Costeira de Aveiro.*

O diploma inclui os seguintes capítulos: I — Disposições Gerais. II — Peixe das Traineiras. III — Peixe da Pesca Artesanal. IV — Peixe de Arrasto Costeiro. V — Peixe Proveniente de Outros Portos. VI — Horário da Lota. VII — Encargos. VIII — Ponte-Cais de Abastecimentos.

FAZEM ANOS:

Hoje, 13 — *O menino José Lívio Alves Simaria, filho do sr. Augusto Alves Simaria.*

Amanhã, 14 — *A sr.ª D. Maria Regina Dantas Gomes, esposa do sr. Dr. Ruben Gomes, o sr. Carlos Alberto da Cunha Redondo e os meninos Carlos Rafael, filho do sr. Aguinaldo Armindo da Silva Melo, e João Francisco, filho do sr. Fernando da Ascensão Soares.*

Em 15 — *A sr.ª Prof.ª D. Maria Susana Rocha Salvador Ferreira Fernandes, esposa do sr. Capitão João António Ferreira Fernandes, os srs. Jorge Ferreira Martins e João Marques, e a menina Maria Regina, filha do sr. Fernão Borges de Carvalho,*

Em 16 — *As sr.as D. Maria Dora Gamelas de Carvalho Santos, D Filomena dos Reis Peixinho, esposa do sr. António Henriques da Cunha, D. Maria Rosa de Melo de Vilhena, e D. Isménia da Silva Neto Brandão, esposa do sr. Prof. João de Pinho Brandão, e os srs. Felisberto Pereira e José Bernardino Lopes Tavares.*

Em 17 — *O sr. Luís de Melo Rego, as meninas Maria de Fátima, filha do sr. António Maria Duarte Vieira Gamelas, e Maria Alexandra, filha do sr. Dr. António Alexandre Pinto, e o menino Cirilo Manuel, filho do sr. Floriano Gomes Gadim.*

Em 18 — *As sr.as D. Maria Regina Marcela Lavrador Quininha, esposa do sr. Dr. Cândido Quininha, e D. Adélia Ferreira Fernandes, esposa do sr. Capitão Diamantino Fernandes, o sr. Luís Gomes da Costa, a menina Maria Manuel, filha do sr. Dr. Fernando Alberto Curado Seiça Neves, e os meninos António Júlio, filho do sr. António Eduardo Horta Azevedo, e Jorge Manuel, filho do sr. António Aníbal Valente.*

Em 19 — *As sr.as D. Júlia de Lemos Félix, esposa do sr. Manuel da Silva Félix, D. Gabriela de Melo Rebelo, D. Amélia do Bem, esposa do sr. Viriato Patrício do Bem, e D. Maria Camarinha da Cunha, esposa do sr. Artur Gouveia da Cunha.*

O JOGO DA BOLA

Nas praias

Solicito um cantinho do nosso Litoral *para, por seu intermédio, lembrar às dignas Autoridades Marítimas que uns tantos matulões, usando das praias como campos de treino de futebol, ali mostram, livremente, as suas habilidades.*

Utilizam as praias senhoras, crianças, velhos e doentes que não podem estar sujeitos às consequências da potência do pontapé de tantos «Eusébios».

É preciso fazer cumprir o que está regulamentado sobre o assunto. E permito-me uma sugestão: que o sr. Cabo de Mar, a quem eles não respeitam e ridicularizam quando volta as costas, se faça acompanhar de um ou dois elementos em traje civil, capazes de identificar (e testemunhar, se preciso) os transgressores, que, depois, serão autuados e intimados por quem de direito a pagar as multas no prazo legal.

O que se passa já não é só falta de respeito pelo próximo. É falta de respeito pelas Leis e pela Autoridade encarregada de as fazer cumprir. /.../

Assinante n.º 1-1 272

No Rossio

Ex.^mo^ *Senhor*
Director do Litoral

Agradeço a V. Ex.ª o favor de pedir providências, por intermédio do Litoral*, ao Ex.*^mo^ *Comandante da P. S. P., para se acabar, de vez, com o jogo da bola no Rossio, centro da cidade, que Aveiro é, e não lugar sertanejo onde o rapazio possa fazer o que lhe apetece.*

Ainda há dias um carro francês foi atingido com uma bola. Resultado: um vidro em estilhaços.

O local precisa de ser devidamente policiado.

Aproveitando o ensejo: afigura-se-me que a ponte da Dobadoura carece de um sinaleiro permanente, justificando-o o risco, ali, de graves colisões e as demoras impostas pelas cautelas necessárias a um trânsito prudente. /.../

Assinante n.º 1-484

ROGÉRIO LEITÃO
MÉDICO ESPECIALISTA
Doenças do coração
Consultas às segundas, quarta e sextas-feiras às 16 horas (com hora marcada).
Cons.: — Avenida Dr. Lourenço Peixinho, 83-1.º E — Telef 24790
Res. — Rua Jaime Moniz, 18 - Telef. 22677
AVEIRO

Caseiro

Casado, com um filho, oferece-se para trabalhos de agricultura ou tratamento de gado. Tratar com José de Almeida Morais, Frossos — Angeja.

Oferece-se

Senhora, de 27 anos, com o 5.º ano liceal e curso de dactilografia. Dirigir-se a Maria Evangelina Rosa Duarte — Praia de Mira.

GABINETE DE ESTÉTICA
ELIZABETH
Av. Dr. Lourenço Peixinho, 83-5.º-D.to — c/elevador
AVEIRO
ESTETICISTA • VISAGISTA
Depilação • Manicure • Maquillage
TRATAMENTOS DE BELEZA
Preços módicos — Hora marcada — Telef. 24814

VENDE-SE

Terreno na Barra

Sito no pinhal da Barra, junto ao prédio do sr. Eng.º Arga de Lima, e com a área de 675 m².

Nesta Redacção se informa.

DR. SANTOS PATO
MÉDICO ESPECIALISTA
Doenças das Senhoras - Operações
Consultório
Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, 28-A-2.º
— às 2.as, 4.as e 6.as feiras, das 15 às 16 h
Telefones 23 182 - 75 145 - 75 277
AVEIRO

Oferece-se

Senhora, com o 5.º Ano Comercial, para emprego compatível.

Tatar na Rua de José Luciano de Castro, n.º 142, ou pelo telef. 24 844 — Aveiro.

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES
JUNTA CENTRAL DE PORTOS
Junta Autónoma do Porto de Aveiro

Anúncio

Concurso público para a arrematação da empreitada de CONSTRUÇÃO DO PAVILHÃO ALIGEIRADO PARA RECOLHA DO EQUIPAMENTO PORTUÁRIO, FORTE DA BARRA.

Faz-se público que no dia 6 de Agosto de 1968, pelas 16 horas, na sede da Junta Autónoma do Porto de Aveiro, à Avenida Dr. Lourenço Peixinho, n.º 110-2.º, em Aveiro, se procederá, perante a Comissão para esse fim nomeada, à recepção e abertura de propostas para arrematação da empreitada acima mencionada.

Para ser admitido ao concurso é necessário efectuar na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas Filiais, Agências ou Delegações, o depósito provisório de 9 000$00, mediante guia preenchida pelo próprio concorrente, segundo modelo que figura no processo.

O depósito definitivo será de 5 % do valor da adjudicação.

O processo do concurso está patente (todos os dias úteis, dentro das horas de expediente, na Junta Autónoma do Porto de Aveiro.

Aveiro, 5 de Julho de 1968

O Presidente da Junta,
Carlos G. Gomes Teixeira

Desportos

Continuações da última página

Xadrez de Notícias

Alba, Paços de Brandão, S. João de Ver, Cesarense, Oliveira do Bairro, Paivense, Esmoriz, Bustelo, Anadia, Cucujães, Valonguense, Pejão e Estarreja.

José Carlos Valente Baltasar, do C. A. T. das Fábricas Aleluia, saiu vencedor da primeira prova de Campeonato Distrital de Pesca de Rio, organizada, no último domingo, na Ponte da Rata, pela Delegação de Aveiro da F. N. A. T.

Totalizou 1 000 valores, classificando-se, a seguir: Jorge Marques Nogueira, individual (912,4) e Alfredo Ferreira Machado, Alba (876,3).

Basquetebol

atribuiu-se o triunfo ao grupo dos 12 INDOMÁVEIS.

Assim, a tabela de pontos ficou, neste momento, ordenada como a seguir se indica:

1.º — AVARENTOS	13
2.º — GÉPIDAS	13
3.º — SUPER-SÓNICOS	12
4.º — 12 INDOMÁVEIS	12
5.º — TALISMÃS	11
6.º — BÓFIAS	9
7.º — ALA-ARRIBA	8
8.º — SEM NOME	8
9.º — RÁPIDOS	8

A nona e última jornada tem jogos para hoje e para amanhã, dentro do seguinte programa:

12 INDOMÁVEIS — SUPER - SÓNICOS
GÉPIDAS — SEM NOME
BÓFIAS — AVARENTOS
RÁPIDOS — ALA-ARRIBA

M.ª Luísa Ventura Leitão
MÉDICA
Recuperação funcional de doenças bronco-pulmonares
Consultas às terças e quintas-feiras às 16 horas (com hora marcada)
CONS.: *Aven. Dr. Lourenço Peixinho, 83-1.º E* — Tel. 24790
RES.: *R. Jaime Moniz, 18* - Tel. 22677

Empregado de Escritório

Precisa-se

— com alguma prática ou finalista do curso de Comércio, para casa nos arredores de Aveiro. Fornece-se transporte.

Tratar pelo telef. 94 167.

SEISDEDOS MACHADO
ADVOGADO
Travessa do Governo Civil, 4-1.º - Esq.º
AVEIRO

Aluga-se

Estabelecimento e sobre-loja com a área total de 700 m², na Rua do Dr. Alberto Souto, ao lado dos «Seguros Tranquilidade».

Tratar com: Manuel Marques da Silva, Avanca, Estarreja.

Carlos M. Candal
ADVOGADO
Trav. do Governo Civil, 4-1.º-D
(Cerca do Palácio da Justiça)
AVEIRO

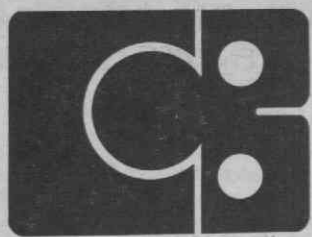
Precisa-se

Rapariga, de 14 a 16 anos, para estabelecimento de tabacaria de pouco movimento. Tratar das 20 às 21 horas na Rua de José Estêvão, 97-2.º D.to, em Aveiro.

Papagaio — Perdeu-se

Com rabo vermelho, de cor cinzenta. Agradece-se a quem o tiver encontrado que comunique com Manuel Armindo Soares, Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, 191, em Aveiro.

Mulher a dias

Oferece-se. Informa esta Redacção.

Francisco Cruz & Filho, L.da

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Primeiro Cartório

Certifico, para efeitos de publicação, que, por escritura de vinte e um de Junho de mil novecentos e sessenta e oito, de folhas vinte e uma a vinte e três, verso, do livro próprio número DOIS-C, deste Primeiro Cartório, outorgada perante o notário Licenciado Joaquim Tavares da Silveira, foi constituída, entre Francisco Figueira da Cruz e José Carlos Dinis Cruz, uma Sociedade Comercial, por quotas, de responsabilidade limitada, nos termos dos artigos seguintes:

PRIMEIRO

A Sociedade adopta a firma «Francisco Cruz & Filho, Limitada», e fica com a sua sede no lugar e freguesia de Oliveirinha, concelho de Aveiro;

SEGUNDO

A sua duração é por tempo indeterminado, a partir de hoje;

TERCEIRO

O seu objecto é o exercício da indústria de transportes de aluguer em automóveis ligeiros de passageiros, e o de qualquer outro ramo de indústria ou comércio que resolva explorar;

QUARTO

O Capital social é do montante de cinquenta mil escudos, dividido em duas quotas, sendo uma de trinta e sete mil e quinhentos escudos, pertencente ao sócio Francisco Figueira da Cruz e outra de doze mil e quinhentos escudos, pertencente ao sócio José Carlos Diniz Cruz e acha-se integralmente realizado.

A quota do sócio José Carlos foi realizada em dinheiro, que entrou na Caixa Social; e a quota do sócio Francisco foi realizada com a entrada que ele fez para a Sociedade do seu seguinte veículo automóvel e respectivas licenças para o exercício da indústria de transportes de aluguer, e nela põe em comum:

Automóvel ligeiro, marca «Opel», número GF — trinta e cinco — oitenta e cinco (de Livrete), passado pela Direcção de Viação de Lisboa, registado em seu nome na Conservatória do Registo de Automóveis de Lisboa sob o número cento e três mil trezentos e dez, no Livro IP — vinte e cinco, com a competente Licença para o transporte em regime de praça, passada pela Direcção Geral de Transportes Terrestres, em vinte e oito de Dezembro de mil novecentos e sessenta e dois — Direcção de Viação de Coimbra e Licença que tem o número cinco mil setecentos e cinquenta e sete; e atribuem a estes bens para o Acto o valor de trinta e sete mil e quinhentos escudos;

QUINTO

A cessão de quotas a estranhos fica dependente do consentimento, por escrito, dos demais sócios e da Sociedade; porém:

Parágrafo Único — Fica desde já autorizado o sócio Figueira da Cruz a dividir a sua quota em duas, sendo uma de vinte e cinco contos que reservará para si e outra de doze mil e quinhentos escudos que, outrossim, poderá ceder, gratuita ou onerosamente, por qualquer preço, a sua filha Maria Fernanda Diniz Cruz;

SEXTO

A gerência social fica afecta ao sócio Francisco Figueira da Cruz, que poderá exercê-la pessoalmente ou mediante procuração passada mesmo a pessoa estranha à Sociedade; e a Sociedade obriga-se pela assinatura da firma pelo gerente ou pela assinatura do seu *procurador*.

SÉTIMO

Salvos os casos para que a Lei exija, digo *procurador*. A gerência é dispensada de caução.

SÉTIMO

Salvos os casos para que a Lei exija outros requisitos, as Assembleias Gerais serão convocadas apenas por meio de carta registada, dirigida aos sócios, com oito dias de antecedência.

Está conforme ao original, nada havendo na parte omitida em contrário ou além do que aqui se transcreve ou narra.

Aveiro, vinte e oito de Junho de mil novecentos e sessenta e oito.

O Ajudante,

Luís dos Santos Ratola

Litoral — Ano XIV — 13-7-68 — N.º 714

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES
JUNTA CENTRAL DE PORTOS

ANÚNCIO

Concurso público para arrematação da empreitada de «Electrificação do Cais Comercial do Porto de Aveiro».

Faz-se público que no dia 13 de Agosto de 1968, pelas 16 horas, na Junta Central de Portos, situada na Rua da Prata, n.º 8-4.º, em Lisboa, perante a Comissão para esse fim nomeada, se procederá ao concurso público para arrematação da empreitada acima mencionada cuja base de licitação é de 1 697 274$80 (Um milhão seiscentos e noventa e sete mil duzentos e setenta e quatro escudos e oitenta centavos).

Para ser admitido ao concurso é necessário efectuar na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas Filiais, Agências ou Delegações, o depósito provisório de 42 431$90 (Quarenta e dois mil quatrocentos e trinta e um escudos e noventa centavos), mediante guia passada pelo próprio concorrente, conforme modelo anexo ao programa do concurso.

O depósito definitivo será de 5 % do valor da adjudicação.

O processo do concurso está patente todos os dias úteis, dentro das horas de expediente, na Junta Central de Portos e na Junta Autónoma do Porto de Aveiro.

Lisboa, 5 de Julho de 1968

O Presidente da Junta Central de Portos,
M. Henrique Gonçalves

Fábricas Aleluia

Azulejos
Louças

DECORATIVAS
SANITÁRIAS
DOMÉSTICAS

Cais da Fonte Nova
AVEIRO

J. Cândido Vaz

Médico Especialista
DOENÇAS DE SENHORAS

Consultas às 3.as, 5.as e Sáb
a partir das 15 horas
COM HORA MARCADA
Av. Dr. L. Peixinho, 83-1.º F.º-Sala 3
AVEIRO
Telef. 24788
RESIDÊNCIA: Telef. 22856

Arrenda-se

R/c para comércio, no melhor local de Ílhavo.

Ângulo da Avenida do Novo Mercado e Estrada Nacional — Casa de Santo António.

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES
JUNTA CENTRAL DE PORTOS

ANÚNCIO

Concurso público para o fornecimento de «Quatro Guindastes-automóveis destinados à Junta Autónoma do Porto de Aveiro».

Faz-se público que no dia 8 de Agosto de 1968, pelas 16 horas, na Junta Central de Portos, situada em Lisboa na Rua da Prata, 8-4.º, proceder-se-á, perante a comissão para esse fim nomeada, à recepção e abertura de propostas para a arrematação do fornecimento acima mencionado.

Para ser admitido ao concurso é necessário efectuar na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas Filiais, Agências ou Delegações, o depósito provisório de 100 000$00 (Cem mil escudos), mediante guia passada pelo próprio concorrente, segundo modelo que figura no processo.

O depósito definitivo será de 5 % do valor da adjudicação.

O processo do concurso está patente todos os dias úteis, dentro das horas de expediente, na Junta Central de Portos e na Junta Autónoma do Porto de Aveiro.

Lisboa, 5 de Julho de 1968

O Presidente da Junta Central de Portos,
M. Henrique Gonçalves

ESTANTE com PORTAS

ENVIDRAÇADAS

Bomba de Volante

Em Bom Estado

VENDEM-SE

Av. Dr. Lourenço Peixinho, 18 - 20

TRESPASSA-SE

Casa de Comércio com boa clientela, situada no Bairro de Santo António — *Caião — Esgueira.*

Tratar pelo telefone 22 979.

Tribunal Judicial da Comarca de Aveiro

ANÚNCIO

2.ª Publicação

Faz-se saber que pelo primeiro Juízo de Direito desta comarca de Aveiro e 2.ª Secção, correm éditos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos das executadas Maria Estudante da Rocha e Silva e Maria Eduarda Estudante da Silva Pinto Cortez, esta casada e aquela viúva, moradoras respectivamente no Hotel Terminus da cidade do Lobito e na Rua dos Lusíadas, número 42, rés-do-chão, esquerdo, da cidade de Lisboa, para no prazo de dez dias, findos que sejam os dos éditos, deduzirem, querendo, os seus direitos na execução de sentença que contra aquelas executadas move o exequente Manuel Nunes de Matos, casado, lavrador, morador em Bonsucesso, da freguesia de Aradas, desta comarca, desde que gozem de garantia real sobre os bens penhorados.

Aveiro, 28 de Junho de 1968

O Escrivão de Direito,
Alcides Viriato Sequeira

Verifiquei:

O Juiz de Direito,
João Carlos Afonso da Rocha

Litoral — Ano XIV — 13 - 7 - 68 — N.º 714

Rádios — Televisão
Reparações — Acessórios

A. Nunes Abreu

Reparações garantidas e aos melhores preço
Av. do Dr. L. Peixinho, 232-B-Telef. 22359
AVEIRO

Tractor — Vende-se

Marca « Ferguson », de 45 H. P., em muito bom estado, bem como a respectiva charrua e acessórios.

Falar com Arlindo Cruz, no Grémio da Lavoura, em Aveiro.

Aluga-se

Casa com 7 divisões e garagem. Avenida N.ª Senhora do Pranto — ÍLHAVO.

Terreno — Vende-se

Na Rua do Gravito, com frente para a Rua do Seixal.

Tratar na Sociedade de Padarias Beira-Mar, L.da, Rua do Gravito, n.º 81-83.

Dr. Mário Sacramento

MÉDICO ESPECIALISTA

Aparelho Digestivo
Radiodiagnóstico

DOENÇAS ANO - RECTAIS
(HEMORRÓIDAS)

●

Av. do Dr. Lourenço Peixinho, 50-1.º
Tel. 22706
AVEIRO

Vende-se Casa

— com grande quintal, na Avenida da Bela-Vista, em pleno coração da Costa-Nova. Tratar, ali, com o *Banheiro Maiaia.*

João Palmeiro

Médico Especialista
em NEUROLOGIA
Assistente da Faculdade de Medicina de Coimbra
(Doenças dos Nervos)

Consultas às 3.as e 6.as feiras
(a partir das 15 horas)
CONSULTÓRIO: *Av. do Dr. Lourenço Peixinho, n.º 83-1.º Esq.*
AVEIRO

Passa-se

Padaria de Vilarinho.

Tratar com o proprietário na mesma ou pelo telefone n.º 91205.

Carros usados

Mercedes Benz 190Dc	1962
Merc. Benz 180	1958
Mercury Comet	1965
Opel Kapitan	1960
Opel Olímpia	1962
Lância Fulvia	1963
Cortina	1963
Taunus 17M-super	1963
Auto-Union 1 000	1958
Consul 315	1961
Citroen Ami	1962
Renault Dauphine	1958
Austin J-2 (furgon)	1965
M. Benz L338 (camion)	1961

Revistos. Facilidades de Pagamento

A. C. Ria, L.da

Telef. 24041/4 AVEIRO

Tribunal Judicial da Comarca de Aveiro

ANÚNCIO

2.ª Publicação

Pela 1.ª Secção do 2.º Juízo desta comarca e nos autos de execução de sentença que o exequente Abel Santiago, casado, comerciante, com estabelecimento em Aveiro, move aos executados Manuel Ferreira Neves e mulher, Palmira Mendes, ele comerciante e ela doméstica, residentes em Quinta do Picado — Aradas, desta comarca, correm éditos de vinte dias, que começam a ser contados após a 2.ª e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos dos executados, para, no prazo de dez dias, findo o dos éditos, virem à mencionada execução reclamar, querendo, o pagamento dos seus créditos, pelo produto dos bens penhorados sobre que tenham garantia real.

Aveiro, 28 de Junho de 1968

O Juiz de Direito,
João Carlos Afonso da Rocha
O Escrivão de Direito,
Luís Henrique Ferreira

Litoral — Ano XIV — 13 - 7 - 68 — N.º 714

SERRALHEIROS

Habilitados, necessita empresa nos arredores de Aveiro. Respostas ao n.º 51.

Café e Mercearia

Trespassa-se ou vende-se. Tratar com o proprietário, José Marques da Silva, telefone 93157 — Frossos, Angeja.

ELECTROBEIRAUTO, L.da

Telefone 24657 — AVEIRO
ELECTRICIDADE EM AUTOMÓVEIS, BATERIAS, ETC.
COM OFICINAS NA
Rua do Senhor dos Aflitos, 22 a 22-B
(Ao lado da Firestone)

A construção moderna exige parquetes de qualidade. . . .

...parquetes **IMPAR**

beleza e conforto

Agente em Aveiro e Concelhos limítrofes:
REPRESENTAÇÕES FERANA *de FERNANDO VIANA*
Rua de José Rabumba, 3 — Telef. 24694 — AVEIRO

Rua de Ferreira Borges — COIMBRA

Trespassa-se

Por motivo de saúde, casa de Mercearia e Vinhos, bem afreguesada, na Beira-Mar. Tratar na Rua Antónia Rodrigues, n.º 125, em Aveiro.

Volkswagen-1300

Estado de novo. Vende-se. Praça do Dr. Melo Freitas, 12 — Telefone 24571 — Aveiro.

I-CINEMA E VERDADE

Continuação da primeira página

mentos» mais na vida, mais na história, do que no próprio cinema. E, daí, que tenhamos recorrido à *presença* de alguns críticos nossos, como à *pessoa* do próprio realizador, os quais, em franco diálogo com a magra plateia aveirense falam de CINEMA e VERDADE, e deixam para depois a tão discutida violência de uma fita que muitos pretendem ainda mais «cruel» do que a de Bonnie Parker e Clyde Barrow, figuras realmente vivas de uma história verdadeira.

VASCO GRANJA: — Dificilmente um filme americano terá recebido, nestes últimos tempos, comentários tão polémicos como aqueles que têm sido escritos a respeito de «Bonnie e Clyde». Baseado em factos reais, o filme evoca com nostalgia um período turbulento de «gangsterismo» nos Estados Unidos (1).

AFONSO CAUTELA: — A história passa-se em 1933, no seio da grande crise, quando os «Ford Coupé», os «Essex» e os «Marmon Saloon» começavam a passar, em que os extremos típicos e típicas contradições de um «modus vivendi» (o «american way of life») se aguçavam (2).

ARTHUR PENN: — Nesse tempo não havia força federal de polícia, mas apenas polícia estadual. Quando Ford fabricou o V8, que era bastante potente para se distanciar de todos os automóveis das polícias locais, os bandos de «gangsters» começaram a desenvolver-se. E foi essa a origem da quadrilha de Bonnie e Clyde. Viviam nos automóveis — e não era raro percorrerem setecentos ou oitocentos quilómetros numa noite, deslocando-se num desses antigos carros. Neles passavam literalmente a vida (3)...

A. CAUTELA — «Nunca vamos para um sítio, estamos sempre a fugir» — diz Clyde em dada altura (2).

A. PENN: — O automóvel era verdadeiramente o seu lugar de habitação. Bonnie escrevia os seus poemas no automóvel (3)...

V. GRANJA: — Se tivesse havido outras circunstâncias, talvez o nome dela figurasse nas antologias de versos americanos. O próprio Clyde teria, pròvàvelmente, revelado o seu verdadeiro temperamento de pessoas simples que pretendem o lugar ao sol a que aspira e tem direito qualquer ser humano (1).

A. PENN: — Comiam biscoitos de gengibre no automóvel, jogavam xadrez no automóvel; era a casa deles. Na mitologia do Oeste americano, o automóvel substituía o cavalo como símbolo do fora-de-lei. Tal foi a transformação do homem do Oeste em «gangster» (3).

V. GRANJA: — A quadrilha Barrow existiu durante cinco anos. Ao adaptar para o cinema a vida aventurosa de Bonnie e Clyde, os argumentistas David Newman e Robert Benton, foram coerentes com uma linha tradicional do romance norte-americano que, Mark Twain a Truman Capote, passa por O. Henry, Damon Runyon e Ernest Hemingway (4).

NUNO DE BRAGANÇA: — Recorde o alcance de alguns planos do filme quando cotejados com certas obras com relevo na cultura americana («U. S. A.», «As Vinhas da Ira» — que importa que Dos Passos e Steinbek hoje estejam tão mortos que até cheiram mal?) (5).

V. GRANJA: — Existe uma longa tradição de filmes de «gangsters» produzidos na América. O cinema de Hollywood aparece-nos sempre disposto a reviver as proezas de Scarface, Al Capone, Dillinger, Baby Face Nelson ou Machine-Gun Kelly (4).

A. AUGUSTO SALES: — Mas Arthur Penn dá-nos o rosto de uma nova América, melhor dizendo, de um novo cinema americano que se prepara, ou exige, não recuar perante as verdades que a decadente e moribunda Hollywood se fartou de esconder ou falsear (8).

V. GRANJA: — Efectivamente. O que distingue «Bonnie e Clyde» de qualquer um dos grandes filmes de «gangsters» dirigidos por Howard Hawks, Raoul Walsh, John Huston, Roger Corman ou Budd Boettcher, é o seu aspecto documentário, entendendo-se esta expressão no seu verdadeiro significado, isto é, documental (4).

CARLOS ARAÚJO: — Logo nas legendas iniciais, entrecruzando-se com o genérico, A. Penn fornece-nos não só um breve «curriculum vitae» de Bonnie Parker e Clyde Barrow como também, através de uma concessão de fotografias, as coordenadas económico-sociais de ambas as personagens (7).

V. GRANJA: — Na realidade, o filme de Penn, que aliás não segue fielmente a descrição dos factos como eles aconteceram (Bonnie, por exemplo, morreu na cadeira eléctrica), tem a grande virtude de nos mostrar sem subterfúgios um período particularmente perturbado da sociedade norte-americana: as consequências da depressão económica nas classes menos favorecidas dos E. U. (4).

A. CAUTELA: — Sem dúvida. O famoso par de «gangsters» tem, como pano de fundo, a sociedade que os gerou e se defende, a ferro e fogo, dos que desejam afirmar uma personalidade à custa de riscos, sacrifícios, sangue (2).

A. A. SALES: — Eles vivem e existem num país de mitos, de «trusts» e de golpes, não podem do dia para a noite transformarem-se em respeitáveis cidadãos, puros como avezinhas (8)...

A. CAUTELA: — É que para a sociedade americana a situação também não era brilhante: um dos bancos assaltados por Clyde está falido; uma das casas onde pernoitam, na sua intérmina vagabundagem em fuga à polícia, pertencera a um pequeno lavrador que acabara hipotecado ao Banco; no Estado do Texas, onde as perseguições se encarniçam, os pobres desalojados rondam a miséria e os riachos, em acampamentos improvisados; e, na visita à velha mãe de Bonnie, o local do piquenique mostra, ao fundo, uma mina (de ouro? de ferro?) abandonada, síntese de milhões de desempregados (2).

V. GRANJA: — Quando Bonnie e Clyde vêem os fazendeiros expulsos das suas propriedades pelos bancos todos poderosos, e sentem intimamente o problema das populações despojadas de tudo (1)...

A. PENN: — Essas populações sofriam as consequências da depressão, que se traduziam pelo efeito da dominação dos bancos, representada parcialmente pela polícia (3)...

V. GRANJA: — ...a decisão dos dois jovens está tomada: roubar bancos, isto é, roubar aos ricos que têm mais do que o necessário (1).

A. A. SALES: — Nesse aspecto, A. Penn dá a Bonnie e Clyde uma dimensão humana que os coloca como justiceiros numa sociedade de injustiçados (8).

A. PENN: — Bonnie e Clyde foram levados a desempenhar um papel que fez deles heróis populares — violadores do «statu quo». Vingadores do povo (3).

M. MACHADO DA LUZ: — Mas o filme não escorrega — como antes frequentemente acontecia — para a perigosa apologia romântica dos fora-de-lei. Bonnie Parker e Clyde Barrow não se transformam nuns quaisquer desinteressantes Robins-dos-Bosques do século XX: as suas impulsões para o delito, a violência da quadrilha que dirigem, surgem, sem ambiguidade, como esboço das suas repercussões sociais, daquela violência que, a um nível superior colectivo, pode impulsionar os párias, aqueles que nada têm a perder (5).

VOZES: — Certo...

M. M. DA LUZ: — Daí que a solidariedade dos camponeses arruinados para com eles seja alicerçada em tudo menos no «roubar aos ricos para dar aos pobres»; daí que os seus actos surjam como o princípio da realização de um projecto obscuramente entrevisto por essas vítimas impotentes (mas não resignadas) de um sombrio momento histórico; daí, também, que estejam condenados ao fracasso, à mais inglória das mortes (5).

A. CAUTELA: — É que o desafio é de dois contra muitos (contra todos), é de David contra Golias, mas, ao contrário da fábula, na América da depressão, Golias vence, esmaga David. Criva-o de noventa e quatro balas, na sequência final, que a revista «Time», com um exagero talvez verdadeiro, considera o uso da câmara lenta mais notável da hisria do cinema (2).

CARLOS ARAÚJO: — «Bonnie e Clyde» ficará na nossa memória, tal a força anímica que exalam as personagens de «Bonnie e Clyde», tal a sensação de injustiça que se depreende do seu massacre, intencionalmente filmado ao «retardador» para o espectador «viver» efectivamente a inexorável destruição de dois seres a que não faltavam nem humanidade nem sensibilidade perante o sofrimento alheio (7).

A. CAUTELA: — Um filme sem estrelas e sem mitos (2).

N. DE BRAGANÇA: — «Bonnie e Clyde» assinala que é já só em mito recreado (em balada, entenda-se) que hoje se pode fazer algo em louvor e simplificação do significado moral de certas personagens dos assaltos dos anos 30 (5).

A. CAUTELA: — Na dimensão escassa do pouco tempo que Bonnie e Clyde têm para viver, na certeza quase premonitória da morte próxima, o poema que ela escreve, que os jornais publicam e que o xerife lê como se estivesse a ler a sentença de execução, deixou para a posteridade a gesta de dois pobres amantes, filhos do povo (2).

M. M. DA LUZ: — Filme de constatação e contestação, filme de amor e de raivosa violência na melhor tradição do cinema negro e do cinema social, ele torna-se cinema histórico rigorosamente perspectivo, uma época passada e que dessa recriação extrai os motivos de um conteúdo da máxima significação actual; um cinema que, comentando o passado, está criando um presente e indicando um futuro (5).

Montagem de **Pinto da Costa**

(1) — O Comércio do Porto, de 2/2/68; (2) — Idem, de 15/3/68; (3) — República, de 2/5/68; (4) — A Capital, de 6/3/68; (5) — O Tempo e o Modo, de Janeiro/68; (6) — Vértice, de Abril/68; (7) — Vida Mundial, de 5/1/68; (8) — Seara Nova, de Fevereiro/68.

NECESSIDADE INDISFARÇÁVEL

Continuação da primeira página

Renegação do próprio teatro. Porque o Teatro de hoje não é mais a Rosa do Adro ou equivalente. Quando se fala de Grotowski ou do Living Theatre, constatamos a enormidade do nosso atraso. E quer você que continuemos a fazer teatro de estagnação. Teatro pneumático!

Atitudes como esta sua, traem quem luta por um teatro melhor. Por uma valorização colectiva. Por uma comunidade. Colocar-se num pedestal de sapiência só porque se tem «mais uns anos», é orgulho, que diabo! Quer queiramos que não, o teatro é vida. E cultura. Não podemos desprezar esta verdade. E cultura não pode ser vida-parada. Já lá vai o tempo das historiazinhas contadas junto à lareira. A vida (vê, cá está a vida!) tomou outros rumos. Respeite-se o passado, sim. Mas pensando no futuro. Viver o presente agarrado ao passado é uma deformação. Grave. Em teatro é um retorno inconcebível «aos bons velhos tempos».

Suspender a arte no tempo (teatro novamente) é negar a própria natureza. O seu conceito de teatro, BC, é iniludível: teatro de rapaziadas, que se fabrica «quando calha». Mero pretexto para passar o tempo e para uns púcaros e algumas merendas.

Por isso acha que se pode fazer bom teatro nas condições de que o CETA actualmente dispõe. Um Ceta cujo prestígio ultrapassa (conceito seu) as mais lisonjeiras previsões dos comediógrafos de aldeia. Mas não, meu caro Conde. O Teatro é muito mais. E é esse mais que você entende. O Ceta tem uma missão a cumprir. Que quer cumprir. Já provou que o pode fazer (você mesmo o diz). Para isso lá está a necessidade do teatro de bolso. Ou um barraco adaptável. Então sim, já se poderia fazer teatro para gregos e troianos, sem se abdicar duma linha de conduta progressivista.

Teatro de Bolso — Precisa-se. Claro que se precisa! Para resolução de alguns problemas fundamentais: aluguer de teatros; facilidade de manobra; massa espectadora mais heterogénea; maior (muito maior) número de espectáculos, forma única da criação de escola (um espectáculo no Teatro Aveirense, por exemplo, equivale a dez num teatro de bolso); possibilidade de valorização para os participantes (actores, técnicos, público, etc., etc.); rodagem aprimorada a anteceder as saídas; compensação multíssimo maior para o esforço de montagem; etc., etc. Além disso, as despesas inerentes a um só espectáculo em teatro estranho (caso do Aveirense, que não cobra aluguer), dão perfeitamente para vinte (!!) espectáculos num teatro de bolso.

Você, BC, veio destruir. Um homem consabidamente cetista (pelo menos no conceito), a dizer que NÃO É ABSOLUTAMENTE NECESSÁRIO O TEATRO DE BOLSO? Que falar nele é PREMATURO? Quando todos sabemos que onde presentemente oficinamos nem isso se pode fazer à vontade (bem, portanto)? Quando estamos sujeitos aos constantes e humanos protestos dos vizinhos de baixo? Quando nem sequer temos onde lavar as mãos? Quando, pràticamente, não temos onde nos sentar? Reparou bem no egoismo das suas considerações? Repare bem ainda que as instalações do Ceta não têm sanitários. E não se pode ir «fazer ao eido».

Recebeu-se um mito por herança. E você é um dos que não consegue libertar-se dele, não é verdade? Os concursos. Oh! os concursos! e os diplomas. E as medalhas, e as faixas. Muito bonito... mas balofo.

O sincretismo do seu conhecimento da estética teatral não dá para mais. Mas ao menos «permita» uma palavra aos outros.

Uma melhoria material (escassa que seja), implica imediata desvalorização artística? Ou será o contrário? Qual o interesse em fazer-se teatro para dois ou três espectáculos anuais? Neste aspecto estou de acordo com o slogan teatro de bolos ou nada de Carlos Clássico). Para escassas centenas de pessoas que são sempre as mesmas?

A defesa do público — como você a faz — é quixotesca. Sejamos realistas: defendamos um determinado sector do público. O nosso público. Esse sim, merece mais que defesa — merece felicitações. Porque é tão sacrificado como nós. Mas, infelizmente, uma minoria.

A psicose dos concursos (repito) parece ter embotado (e continua a embotar) as mentalidades. Ideia perniciosa do que não pode ser um fim. Quando muito um meio. Do qual o Ceta tem tido e tem necessidade, para angariação de verbas que lhe são indispensáveis. É ou não verdade?

As suas interrogações implicam mesmo na negação existencial do teatro de bolso, ou não passam de interrogações? Justificam-se as dúvidas que põe?

A breve trecho BC proclama: «Uma pergunta à consideração: — teremos o direito de exigir (ou pedir) um Teatro de Bolso, para fazermos mais e melhor Teatro, ou teremos de fazer mais e melhor Teatro para então exigirmos (ou pedirmos) um Teatro de Bolso?» Interessante. Muito interessante mesmo. Mas então já não «se trata mais da força pujante duma colectividade artística, cansada de tanta vitória...»?

Mais: «... — sendo Aveiro a realidade que é, quando foi que fomos ao encontro dessa realidade, com Teatro apropriado?» Não compreendo. Sinceramente. Qual realidade? Como «explica» esse teatro apropriado? Querem ver que nos quer pôr a fazer revista? Mais ainda: «... — teremos (o Ceta, não é?) que fazer teatro pedagógico e criarmos assim uma nova realidade em Aveiro?» Mas então que teatro tem o Ceta feito? Teatro pedagógico, diz você? Mas que entende por teatro pedagógico? Que espécie de teatro foi até hoje realizado? Terá sido anti-educacional? Ná...

Não compreendo a referência à Câmara Municipal de Lisboa. A não ser que, para si, a dádiva de um ou dois espectáculos anuais constitua autêntico maná. Dois espectáculos mais, ao longo de um longo ano!!!

Diz ainda BC: «e faríamos uma tournée distrital, em vez de...» Mas o que é que se tem feito sempre? Ou tentado? Não foi isso mesmo? Exemplo bem recente: «O LUGRE» foi exibido em Aveiro, Ílhavo, Sever do Vouga, Murtosa. «A SAPATEIRA PRODIGIOSA» em Aveiro e Arrifana. Isto no Distrito. E se mais não se fez não foi porque não se tentasse. As diligncias foram feitas; os resultados é que foram escassos. Ou não sabia?

Seria também muito interessante de facto «... que Aveiro tomasse consciência das nossas (do Ceta, não é?) intenções». Não há dúvida. Mas assim não. Assim, pelos seus métodos, não vamos longe. Porque o seu artigo, meu caro Conde, é bárbaro.

Qual a intenção?

ARTUR FINO

«TAÇA RIBEIRO DOS REIS»

Zona B — 8.ª jornada:

ESPINHO — GOUVEIA 2-0
COVILHÃ — SANJOANENSE . . 0-2
U. DE TOMAR — BEIRA-MAR . . 2-0
TRAMAGAL — TORRES NOVAS . 2-0
LAMAS — ACAD. DE VISEU . . 1-1

Jogos para domingo:

GOUVEIA — COVILHÃ
SANJOANENSE — U. DE TOMAR
BEIRA-MAR — TRAMAGAL
TORRES NOVAS — LAMAS
A. DE VISEU — ESPINHO

Tabela classificativa:

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
U. Tomar	8	5	2	1	22-11	12
Beira-Mar	8	4	3	1	20-8	11
Sanjoanense	8	5	1	2	14-10	11
A. Viseu	8	4	2	2	11-9	10
Covilhã	8	4	0	4	6-12	8
T. Novas	8	3	1	4	19-13	7
Gouveia	8	1	5	2	10-13	7
Espinho	8	3	1	4	12-19	7
Tramagal	8	2	0	6	10-19	4
Lamas	8	0	3	5	7-16	3

UNIÃO DE TOMAR, 2 — BEIRA-MAR, 0

Jogo no Estádio Municipal de Tomar, sob arbitragem do sr. Encarnação Salgado, da Comissão Distrital de Setúbal.

As equipas alinharam deste modo:

União de Tomar — *Conhé; Cabrita, Canavarro, Alexandre e Santos; Vicente e Cláudio; Djunga, Faustino, Alberto e Màrito.*

Beira-Mar — *José Pereira; Loura, Evaristo, Marçal e Chaves; Brandão e Abdul; Morais, Cleo, Sousa e Almeida.*

A partida decorreu em toada de manifesto equilíbrio, mas os nabantinos mostraram-se mais positivos, no primeiro tempo, alcançando então os dois tentos que lhes garantiram a vitória, em remates de FAUSTINO (17 m.) e VICENTE (24 m.), castigando desatenções da defesa aveirense.

Na segunda parte, o Beira-Mar entrou de rompante, tentando um volte-face e criando sérios apuros ao último reduto dos tomarenses. Contudo, por deficiente concretização, os beiramarenses não conseguiram os seus intentos.

Arbitragem com muitas deficiências, mas imparcial.

«O BEIRA-MAR»

Depois de alguns anos de interregno, reapareceu «O BEIRA-MAR» — órgão informativo do Sport Clube Beira-Mar, agora, nesta segunda série, com periodicidade mensal.

O jornal, distribuído gratuitamente pela cidade, insere variada colaboração e apresenta cuidado aspecto gráfico. Tem, como Director, o sr. J. Teixeira Bicho; como Editor, o sr. Coronel João da Costa Moreira; e, como Administrador, o sr. João da Graça Paula.

Saudando o regresso, desejamos longa e profícua vida a «O BEIRA-MAR».

XADREZ DE NOTÍCIAS

São deveras aliciantes os prémios que o «Totobola» atribuiu para os clubes concorrentes à «Taça Ribeiro dos Reis». Nas várias zonas, por ordem de classificação, cada grupo recebe: 1.º — 65 contos; 2.º — 50 contos; 3.º — 40 contos; 4.º — 30 contos; 5.º — 20 contos; 6.º — 12 contos; 7.º — 11 contos; 8.º — 10 contos; 9.º — 9 contos; 10.º — 8 contos.

Depois, na «poule» final, os prémios aumentam, havendo para os quatro melhores, respectivamente: 150 contos (vencedor), 100 contos (finalista vencido), 80 contos (3.º classificado) e 50 contos (4.º classificado).

Inicialmente marcado para 28 do corrente, acaba de ser antecipado para o dia 21 o almoço de confraternização dos dirigentes e filiados da Comissão Distrital dos Árbitros de Futebol de Aveiro.

O jovem atirador aveirense Joaquim Pereira de Pinho alcançou o 8.º lugar, ex-aequo, na «Poule» de Honra do Torneio de Tiro aos Pratos (fosso olímpico) realizado em S. Pedro do Sul, no pretérito domingo.

Em Ílhavo, em dois dias consecutivos, realizaram-se jogos de voleibol, de torneios oficiais: na penúltima sexta-feira, a contar para nova eliminatória do Campeonato Nacional Corporativo, o C. A. T. da «Corfi», campeão de Aveiro, afastou da competição a turma dos Bombeiros Municipais de Coimbra, campeão daquele Distrito, ganhando por 3-0 (15-4, 15-9 e 15-6), e ficando apurado para a meia-final.

No sábado, para a «Taça de Portugal», o Sporting de Espinho venceu a Académica de Coimbra, por 3-1.

A direcção da Associação de Futebol de Aveiro, após estudos sobre o problema, decidiu fazer disputar o Campeonato Distrital da I Divisão, na próxima época por dezasseis clubes: Recreio de Águeda, Arrifanense, Ovarense,

Continua na página seis

AVEIRO, 13-JULHO-1968
ANO XIV - N.º 714 - AVENÇA

Ciclismo

I GRANDE PRÉMIO «S. I. S. - SACHS»

Realiza-se amanhã, na região aveirense, a importante prova velocipédica para «profissionais» I Grande Prémio «S. I. S. — SACHS» — que, por lapso, tínhamos anunciado para o passado domingo.

A campetição, organizada pelo Sangalhos D. Clube, conta com o patrocínio da «S. I. S. — SACHS» e terá assistência técnica da Associação de Ciclismo de Aveiro. O director da corrida é o prestigioso desportista bairradino Alcides Silva.

Inscreveram os seus melhores ciclistas todos os clubes nacionais actualmente com corredores «profissionais», o que é garantia do interesse da prova. Nas estradas do Distrito de Aveiro, teremos, os melhores «ases» do pedal, com as coloridas camisolas do Sporting, Benfica, F. C. do Porto, Ginásio de Tavira, «Ambar» e Sangalhos. Haverá, como foi já dito, duas etapas: de manhã, com início às 8 horas, uma prova de estrada, no anunciado percurso de 180 quilómetros, entre Anadia e Sangalhos; de tarde, principiando às 18 horas, teremos um circuito de 10 quilómetros, na Pista da Bairrada, onde os ciclistas (agrupados em quatro séries) terão de completar 40 voltas.

II GRANDE PRÉMIO «EFS - CASAL»

Em organização das importantes firmas E. F. Sucena & Filhos, L.da, de Águeda, e Metalurgia Casal, de Aveiro, teremos na nossa região, no próximo fim-de-semana, nova competição ciclista de muito interesse: o II Grande Prémio «E. F. S. — Casal».

Mais de espaço, no próximo número, daremos notícias relativas a esta organização, que está a concitar justificado interesse nos meios velocipédicos nacionais e na região aveirense.

EMOÇÃO até ao fim

As posições dos principais grupos incluídos na Zona B da «Taça Ribeiro dos Reis» estão ainda por definir, justamente na véspera da derradeira jornada da «poule» de apuramento.

Pode dizer-se, pois, que o torneio adquiriu especial interesse competitivo, mercê da emoção que o rodeará até final, depois de algumas jornadas totalmente insípidas e pouco atraentes.

União de Tomar, Beira-Mar e Sanjoanense são os candidatos únicos ao primeiro posto. E, à letra do Regulamento da prova, um mundo de hipóteses se formula, jogando-se com os possíveis resultados que os três grupos, em conjunto, realizem amanhã. Recordemos, apenas, que os nabantinos se deslocam a S. João da Madeira e que um empate lhes bastará para garantirem o apuramento.

O Beira-Mar, para vencer a Zona B e prosseguir no torneio, necessita de ganhar o seu jogo, frente ao Tramagal, precisando ainda que a Sanjoanense derrote o União de Tomar. A hipótese do grupo de S. João da Madeira: vitória sobre os tomarenses e derrota do Beira-Mar, no jogo de Aveiro...

Portanto, jornada de expectativa, com emoção até ao fim!

VII CONCURSO DE PESCA AO ARROLADO DA RIA DE AVEIRO

Os dirigentes do Clube Naval de Aveiro estão a ultimar os preparativos para a organização de uma prova interessantíssima, já com tradições na cidade: o Concurso de Pesca ao Arrolado da Ria de Aveiro, que este ano terá a sua sétima edição.

A prova foi marcada para 28 do corrente mês de Julho, num percurso compreendido entre a Pousada da Ria, no Muranzel, e a boia gigante, em frente a S. Jacinto, decorrendo das 9 às 11.30 horas.

As incrições são extensivas a senhoras e cavalheiros designados pelos sócios do Clube Naval, terminando no dia 24. Só podem concorrer lanchas de recreio, com um máximo de quatro pescadores e um mínimo de dois por cada embarcação.

Na passada terça-feira, à noite, em reunião com a Imprensa (apenas o «Litoral» esteve presente) e com representantes do Sporting de Aveiro, os dirigentes do Clube Naval deram a conhecer diversos pormenores relativos ao VII Concurso de Pesca ao Arrolado da Ria de Aveiro, na parte desportiva e na parte social, falando, seguidamente, numa outra organização que pretendem levar a efeito, antecedendo o aludido Concurso de Pesca.

UM ESPECTÁCULO NO CANAL CENTRAL

EXIBIÇÃO DA FROTA DE BARCOS DE RECREIO

Trata-se duma concentração de toda a frota aveirense de barcos de recreio, prevista para o Canal Central, durante todo o dia 27 do corrente, sábado. Segundo se supõe, vão estar expostos cerca de cem barcos a motor, de vários tipos — demonstrando a força e vitalidade dos desportos náuticos em Aveiro, uma terra de excelentes condições naturais para a sua prática, mas, ao mesmo tempo, uma terra com total carência das instalações desportivas necessárias...

No Concurso de Pesca ao Arrolado, o Júri Técnico será constituído pelos srs. Dr. Ernesto Barros, Vasco José Águas, Carlos Vicente Ferreira, Cravo Machado Calisto, Abel Santiago e Carlos Alberto Gamelas. Para Juízes de Partida e Chegada estão indicados os srs. Rui Vicente Ferreira e Joaquim Adriano Campos Amorim; e, como Fiscais de Prova, actuam os srs. Sérgio de Oliveira Sérgio, Telmo Graça Rosa, Amadeu de Melo Amador e José Morais de Carvalho.

O Júri de Honra ficou constituído pelas seguintes entidades oficiais: Governador Civil de Aveiro, Presidente da Câmara Municipal, Capitão do Porto de Aveiro, Comandante da Guarda Fiscal, Presidente da Junta Autónoma do Porto de Aveiro, Presidente da Comissão Municipal de Turismo, Presidente do Grémio do Comércio de Aveiro e Presidente da Assembleia Geral do Clube Naval de Aveiro.

No final da prova, haverá um almoço de confraternização, na Casa-Abrigo de S. Jacinto, seguindo-se a cerimónia da distribuição dos prémios — que, podemos referir desde já, são numerosos e muito valiosos.

REMO no PORTO

Campeonatos de Juniores

No domingo, de manhã, o Sport Clube do Porto organizou, na pista do Rio Douro, os Campeonatos Regionais de Juniores, em Remo, apurando-se os seguintes resultados gerais nas regatas incluídas no programa:

SHELL de 2 — 1.º — Naval Infante D. Henrique.

SHELL DE 4 — 1.º — Fluvial Portuense; 2.º — Sport Clube do Porto; 3.º — CLUBE DOS GALITOS; 4.º — Naval Infante D. Henrique.

SHELL DE 8 — 1.º — Fluvial Portuense.

Em provas complementares, em «Shell» de 4, o Caminhense venceu o Fluvial Portuense, em juvenis; e, em seniores, o Fluvial Portuense ganhou, por desclassificação do Caminhense.

Natação

TORNEIO DAS SEIS CIDADES

Dentro do programa desportivo das Festas da Rainha Santa, em Coimbra, realiza-se hoje e amanhã, naquela cidade, um festival de natação denominado Torneio das Seis Cidades.

Estarão presentes nadadores e nadadoras de Aveiro, Coimbra, Évora, Figueira da Foz, Porto e Tomar — que tomarão parte em provas destinadas a três categorias: A (até aos 10 anos), B (dos 10 aos 13 anos) e C (dos 13 aos 15 anos).

As duas jornadas foram marcadas para as 21.15 horas de hoje e para as 10 horas de amanhã na Piscina Municipal de Coimbra. A representação aveirense foi confiada ao Sport Clube Beira-Mar, que faz deslocar à cidade-doutora 14 nadarodes.

Basquetebol

TORNEIO DA PRIMAVERA

Em prosseguimento desta competição, promovida pelo Clube do Povo de Esgueira, realizaram-se, no sábado e domingo passados, os desafios correspondentes à penúltima jornada.

Deles damos, a seguir, breves apontamentos:

Ala-Arriba, 22 — Bófias, 31

Árbitros — Álvaro Ramalho e Almeida e Silva.

Alinharam e marcaram:

Ala-Arriba — Ferreira 11, Malheiro, César 4, João 5, Alberto e Almeida 2.

Bófias — Óscar 1, Jorge 15, Mário 11, Freitas 2 e Armando 2.

1.ª parte: 9-10. 2.ª parte: 13-21.

Talismãs, 32 — Rápidos, 56

Árbitros — Álvaro Ramalho e José Costa.

Alinharam e marcaram:

Talismãs — Martinho 10, Matos 8, Emídio, Helder, Taveira 12 e Martins 2.

Rápidos — Beto 34, Quim 18, Eugénio, Aventino 4 e Cartaxo.

1.ª parte: 16-18. 2.ª parte: 16-38.

Gépidas, 27 — 12 Indomáveis, 24

Árbitro — Vítor Couto.

Alinharam e marcaram:

Gépidas — Costa 18, Anívio 2, Ângelo 2, Baptista 5, Fitorra e Agostinho.

12 Indomáveis — Silvano 6, Mico 7, Teixeira 4, Damas, Oliveira 2, Eusébio 5, «Piro», José António, Neto e Costa.

1.ª parte: 17-11. 2.ª parte: 10-13.

Avarentos, 39 — Super-Sónicos, 27

Árbitros — José Costa e José Calisto.

Alinharam e marcaram:

Avarentos — Fernando 15, Paulo 4, Garcia 4, Machado 8, Neiva, Vítor, Paixão, Almeida 8, Lima e José Maria.

Super-Sónicos — Mário, Lopes 14, Cacia 9, Matos, Vítor, Fernando 4 e Taborda.

1.ª parte: 19-11. 2.ª parte: 20-16.

Para acerto do calendário, deveria realizar-se, na terça-feira passada, o jogo TALISMÃS-12 INDOMÁVEIS, em atraso desde a terceira jornada. Como a equipa dos TALISMÃS não compareceu no Campo da Alameda, foi-lhe averbada falta de comparência e

Continua na página seis

DESPORTOS

SECÇÃO DIRIGIDA POR ... LEOPOLDO